

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

**INSTITUTO DE LETRAS**

**Heloisa Sousa Pinto Netto**

***TERRA GAÚCHA E CUORE:***

**UM CASO DE INTERTEXTUALIDADE**

**Porto Alegre**

**2012**

**HELOISA SOUSA PINTO NETTO**

***TERRA GAÚCHA E CUORE: UM CASO DE INTERTEXTUALIDADE***

**Monografia apresentada ao Instituto de Letras  
da Universidade Federal do Rio Grande do Sul  
como requisito parcial à obtenção do título de  
Licenciatura em Letras**

**Professor Orientador: Dr. Luís Augusto Fischer**

**Porto Alegre, dezembro de 2012**

## **AGRADECIMENTO**

Ao Professor Luís Augusto Fischer, pela conversa inteligente, pela convivência que tem sido um aprendizado constante, e, sobretudo, por ter me confiado os escritos inéditos de João Simões Lopes Neto.

## RESUMO

O presente trabalho pretende realizar uma análise comparativa entre as obras *Terra Gaúcha*, de João Simões Lopes Neto, escrita ao que tudo indica entre os anos de 1904 e 1908, e ainda inédita, e *Cuore*, de Edmondo De Amicis, publicada em 1886, na Itália. Para tal serão utilizadas transcrições dos originais da primeira obra citada e diferentes edições da segunda, sendo estas em língua portuguesa e em língua italiana. Inicialmente esta pesquisa apresentará breves informações sobre os dois autores e sobre o contexto histórico e social da época em que escreveram suas obras. *Terra Gaúcha* é composta por dois tomos, “As férias, na estância” e “O estudo, no colégio”, a comparação propriamente dita será feita entre a obra italiana supracitada e a segunda parte de *Terra Gaúcha*.

Palavras chave: *Terra Gaúcha*, *Cuore*, civismo, educação, intertextualidade

## RIASSUNTO

Il presente lavoro si propone di condurre un'analisi comparativa tra le opere *Terra Gaúcha*, di Simões Lopes Neto, scritta tra gli anni 1904 e 1908, e ancora inedita, e *Cuore*, di Edmondo De Amicis, pubblicata nel 1886, in Italia. Saranno utilizzate trascrizioni degli originali di *Terra Gaúcha* e varie edizioni in portoghese e in italiano di *Cuore*. La ricerca presenterà prima alcune informazioni sugli autori e sul contesto storico e sociale dell'epoca in cui gli autori hanno scritto le loro opere. *Terra Gaúcha* è composta da due volumi, “As férias, na estância” e “O estudo, no colégio”, il confronto verrà fatto tra l'opera italiana e la seconda parte di *Terra Gaúcha*.

Parole chiavi: *Terra Gaúcha*, *Cuore*, civismo, educazione, intertestualità

## SUMÁRIO:

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>6</b>
<b>1. DA ESTÂNCIA DA GRAÇA À CASINHA ALUGADA.....</b>	<b>9</b>
<b>2. O CIVISMO NO COTIDIANO DO PAÍS.....</b>	<b>13</b>
<b>3. O PLANO EDITORIAL.....</b>	<b>15</b>
<b>4. EDMONDO DE AMICIS.....</b>	<b>17</b>
<b>5. <i>CUORE</i>.....</b>	<b>18</b>
<b>6. <i>TERRA GAÚCHA</i>.....</b>	<b>21</b>
<b>7. A INTERTEXTUALIDADE: <i>CUORE</i> E <i>TERRA GAÚCHA</i>.....</b>	<b>29</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>47</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>49</b>

## INTRODUÇÃO

A ideia central deste trabalho é a comparação entre duas obras que apresentam estrutura e tema bastante próximos, uma é italiana, outra é brasileira. Vinte anos separam as duas escrituras e só uma delas foi publicada, a primeira, ficando a outra relegada a um quase esquecimento. A obra italiana é *Cuore*, de Edmondo De Amicis, de 1886, a brasileira é *Terra Gaúcha*, de João Simões Lopes Neto, escrita provavelmente entre 1904 e 1908.

Para que se tente compreender melhor o fato desta última ter sido em parte concebida, mas não publicada, é pertinente que se trace o percurso literário do escritor João Simões Lopes Neto (1865-1916). Não é uma tarefa fácil, embora bastante atrativa a quem admire sua obra -a qual, de certa forma, está diretamente associada à sua vida-, pois as informações, por vezes, são desconstruídas ou escassas, e muitas vezes giram em torno de testemunhos e de investigações fragmentadas.

A trajetória intelectual do autor, reconhecido principalmente pelas obras *Contos Gauchescos* (1912) e *Lendas do Sul* (1913), é diversificada e rica; ele também foi jornalista, escreveu para teatro, foi um homem de larga visão mesmo vivendo na provinciana Pelotas de fins do século XIX e início do século XX. Ao longo da vida Simões Lopes Neto empreendeu várias atividades profissionais, na área comercial, na área industrial, mas todas resultaram em fracasso. Dirigiu associações comerciais e culturais, foi tabelião, desistindo da maioria das empreitadas. Foi no ano de 1904 que sua produção literária, até então voltada ao teatro e ao jornalismo local – como dramaturgo obteve prestígio através de suas comédias urbanas de tom humorístico-, adquiriu outro feito:

1904 é um ano-chave para entender a virada que se opera na vida do até então dramaturgo mas daqui por diante pesquisador da cultura popular, seu incentivador, logo adiante contista e cronista gauchesco, artista que atingiu formulação verdadeiramente sublime para lendas e histórias de matriz singela. (FISCHER, 2012, p. 24)

O ponto de partida foi a conferência proferida na Biblioteca Pública de Pelotas intitulada “Educação Cívica – Terra Gaúcha (Apresentação de um livro)”:

Nome composto de três informações distintas, mal costuradas umas às outras e todas elas importantes para entender a mudança que ali se explicitava: trazia para o centro da conversa o civismo, filosofia que ganhava mais e mais adeptos no país e noutras partes, expressando-se como fervor nacionalista; depois, o título localista, gaúcho, a marcar a adesão certa ao mundo rural; finalmente, o anúncio pragmático de uma publicação que estava ainda sendo

elaborada(...). Nacionalismo, localismo e edição em livro. (FISCHER, 2012, p. 24)

Nos anos iniciais da Primeira República o nacionalismo entrou de forma definitiva no cotidiano do Brasil, civismo e moralismo faziam parte do cenário nacional, intelectuais como Olavo Bilac e Coelho Neto viajavam pelo país na tentativa de consolidação de valores patrióticos e de asseverar as relações e estruturas sociais para regenerar o País. No Rio Grande do Sul encontramos em Simões Lopes Neto um expoente deste pensamento, o de difusão de valores cívicos através da educação.

Na referida palestra, o escritor deixa transparecer seu propósito, um plano editorial e literário visando o leitor escolar no intuito de estimulá-lo e educá-lo dentro de uma ótica não só nacionalista, mas também de valorização da cultura local e da tradição popular:

Sonho fazer um livro simples, saudável, cantante de alegria e carinho, que os homens, rindo da sua singeleza o estimassem; que fosse amado pelas crianças, que nele, com a sua ingênua avidez, fossem bebendo as gotas que se transformassem mais tarde em torrente alterosa de civismo(...) que pudesse condensar o coração meigo, valente e virtuoso da mãe brasileira; a serenidade dos nossos heróis, a independência e a firmeza dos nossos maiores, a probidade dos nossos estadistas(...) que ressalta-se a terra, o povo, a pátria(...) Sonho fazer um livro assim que concretizasse a tradição, a história, ensinamentos cívicos e as aspirações pátrias. (LOPES NETO, in TAMBARA, ARRIADA, 2009, p.234)

O livro pretendido por Simões Lopes Neto teria por base três outras obras, *Educação Nacional*, de José Veríssimo (1890), *Por que me ufano de meu país*, de Afonso Celso (1900) e *Cuore*, do italiano Edmondo de Amicis, anterior às demais, de 1886, escrita após o Risorgimento, o processo de unificação italiana. *Cuore* obteve sucesso imediato em seu país de origem e poucos anos após sua publicação recebeu tradução para o português e edição brasileira, sendo amplamente adotado nas escolas do país e contribuindo de forma importante com o conjunto das produções literárias brasileiras para uso escolar no início do século XX.

A obra *Terra Gaúcha* apresenta uma estrutura similar à italiana, principalmente em sua segunda parte, “O estudo, no colégio”; os protagonistas de ambas as tramas são meninos que tecem uma espécie de diário escolar recheado de histórias de amizade, de respeito, de amor à família e à pátria. A intertextualidade presente entre *Terra Gaúcha* e *Cuore*, objeto deste trabalho, será tratada por meio de análise de vários pontos convergentes entre os dois textos no sentido de afirmar a importante contribuição do livro de De Amicis com a obra inédita de Simões Lopes Neto.

A produção literária deste último ainda permanece envolta numa aura de incerteza em relação, principalmente, a suas obras de intenção pedagógica. A menção a outras produções voltadas à educação por ocasião da referida conferência de 1904, leva a crer que o autor ambicionasse atingir o universo educacional de um modo geral, através de um livro permeado por referências históricas, folclóricas, morais, cívicas, objetivando a formação de jovens dentro de uma ótica de valorização de suas raízes sem perder, contudo, o sentimento de nacionalidade. Entretanto, devido às informações e materiais diversos e fragmentados não é possível que se faça uma afirmação mais definitiva.

## 1. DA ESTÂNCIA DA GRAÇA À CASINHA ALUGADA

O escritor João Simões Lopes Neto nasceu na estância da Graça, propriedade de sua família nos arredores de Pelotas, Rio Grande do Sul, em nove de março de 1865. Seu avô, João Simões Lopes Filho, o Visconde da Graça, era homem influente e de muitas posses, foi vice-presidente da província, em 1885, e chegou a emprestar boa quantia em dinheiro ao estado, sem juros, em 1870. De seu primeiro casamento nasceu Catão Bonifácio Lopes, pai de nosso escritor, um homem do campo que também frequentava a cidade e, em razão disto, mesclava hábitos refinados a um comportamento de sujeito ligado à vida campeira.

É neste ambiente plural, decorrente das propícias condições econômicas de sua família, que cresceu João Simões Lopes Neto, o primeiro neto varão do visconde. Até a idade de nove anos viveu na estância da família, passando, a partir de então, a frequentar a vida escolar em Pelotas. Este era um hábito à época: as famílias abastadas, proprietárias de extensões vastas de terras, por vezes passavam parte do ano na cidade, em função do estudo dos filhos, ou ainda, estes permaneciam como alunos internos dos colégios dos centros urbanos.

O que se percebe através de sua biografia e de alguns escassos depoimentos é que o escritor quando criança não só estava inserido no mundo campeiro como o amava. Em sua futura produção literária aparecerão traços de sua infância passada em contato direto com a natureza e as lides da estância.

Naquele ambiente pacífico a natureza retemperou-lhe com tanta sabedoria a alma para os embates futuros, e de tal forma a modelou, que quando ele sentiu-se abismar numa vida incerta, suas faculdades afloraram numa alvorada intelectual, emergindo nas suavíssimas passagens literárias que a infância deixou gravadas nas íntimas páginas de seu coração. (MASSOT, 1974, p. 52)

Além das cenas da vida campeira, da convivência de galpão, sua obra vai carregar impressões de sua vida familiar, de seu pai, da amizade com seu irmão de leite, Simeão, filho livre de uma escrava da fazenda que viveu como agregado em sua casa na cidade, quando adulto. Com a morte da mãe, em 1876, a família desintegrou-se, suas três irmãs passaram a ser criadas por familiares, o menino João permaneceu em Pelotas, como interno no Colégio Francês. Em 1877, grandes mudanças foram operadas, ele foi estudar no Rio de Janeiro. Algumas informações apontam para o Colégio Abílio como tendo sido sua escola na capital do Império, o que não é comprovado inteiramente. Ivete Simões Lopes B. Massot, sobrinha neta do escritor, declara em seu livro *Simões Lopes Neto na intimidade* que sim, mas seu mais

recente biógrafo, Carlos Francisco Sica Diniz, afirma não haver registros de tal passagem pela famosa escola retratada no romance *O Ateneu*, de Raul Pompéia.

Ao que tudo indica entre 1877 e 1884 o jovem rapaz João Simões Lopes Neto esteve no Rio de Janeiro, o que certamente deve ter influenciado sua formação intelectual. Indícios levam a crer que ele fez os então denominados estudos ‘preparatórios’, o que o conduziria a algum curso superior, talvez medicina, mas também sobre isso não há comprovação.

O porquê de seu retorno não é claro, como, aliás, não são muitos de seus passos. Neste retorno seu pai, através do qual era mantida viva a ligação com o mundo campeiro, se transfere para Uruguaiana, para lá tomar conta de uma propriedade da família. João Simões Lopes Neto viveu algum tempo na estância do avô, visitou o pai algumas vezes, foram anos de dedicação à leitura, ao que consta. Em 1888 ele estreou como colaborador do jornal *A Pátria*, de Pelotas, publicando dois poemas, para em seguida criar uma sessão intitulada ‘Balas de Estalo’.<sup>1</sup> Sempre assinada por algum João, de nome composto associado ao riso, Riforte, Ripouco, Risempre e assim por diante. Eram publicações divertidas, satíricas, sem maior compromisso. Na mesma época adotou o pseudônimo Serafim Bemol que por muito tempo o acompanhou em criações para teatro e publicações em jornal. Colaborou além do já citado jornal, com o *Correio Mercantil* e com o *Diário Popular*, ambos da mesma cidade. A sua produção para teatro é bastante interessante, voltada para o público urbano, é composta por comédias de costumes que denotam traços de modernidade.

No mesmo período em que se dedicou à produção teatral, aos textos para jornal, iniciou a longa série de empreendimentos, dos quais só recolheu fracassos, comprometendo até mesmo o futuro sustento de sua viúva e da filha adotiva. Em 1893 morreu o avô e o pai em 1896, duas perdas importantes para quem não tinha aptidão ou perfil apropriado para assumir compromissos de trabalho e nem dominava os meandros do comércio. Com isto fez negócios atabalhoados, perdeu dinheiro, foi enganado, nem mesmo conseguiu sustentar o cargo de notário em tabelionato de Pelotas, função que lhe possibilitava boas condições de vida.

O ano de 1904 foi decisivo na vida de Simões Lopes Neto, o até então dramaturgo começa a despontar como um incentivador da cultura popular, um homem preocupado com

---

<sup>1</sup>‘Balas de Estalo’: seção do jornal carioca *Gazeta de Notícias* que recebeu a contribuição de Machado de Assis de 1883 a 1886.

questões relativas à educação e que ambiciona atingir o universo escolar através de uma obra que contribuísse com a formação de jovens à medida que apresentasse valores cívicos e patrióticos aliados à preservação de suas origens. Para Luís Augusto Fischer<sup>2</sup>, a vida de Simões Lopes Neto se divide em duas fases:

(...)mais ou menos entre 1884 e 1904 (entre os vinte e os quarenta anos de idade), temos um empresário ativo e um dramaturgo com notável vocação para a comédia ligeira; depois disso até sua morte, em 1916, temos um derrotado econômico e um devoto da cultura popular, particularmente aquela de origem rural. (FISCHER, 2012, p. 24)

No ano supracitado o autor pelotense proferiu uma conferência na Biblioteca Pública de Pelotas denominada “Educação cívica – Terra Gaúcha (Apresentação de um livro)”, na qual expos seu plano editorial e literário que visava o leitor escolar. De conteúdo cívico – como explicita bem desde o título e seguindo o movimento feito por muitos autores nacionais que difundiam preceitos nacionalistas- a palestra aponta para estas diretrizes, para em seguida fazer uma referência à matéria local e à edição de um livro. Na referida palestra são citadas as obras de cunho patriótico *Educação Nacional*, de José Veríssimo (1890) e *Por que me ufano de meu país*, de Afonso Celso (1900), que serviriam de inspiração para o autor. Além destas, como inspiração maior, aparece *Cuore* (ou *Coração*), obra do italiano Edmondo De Amicis, escrita em 1886 e caracterizada pelo desejo de seu autor de prestar um serviço ao seu país inculcando nos jovens leitores valores morais e sociais, sobre os quais deviam ser construídos os pilares da Itália moderna.

Seguindo, portanto, o curso dos acontecimentos protagonizados por autores da época que se dedicavam à tarefa de propagação de ideais cívicos através da publicação de livros para uso pedagógico, Simões Lopes Neto passou a se dedicar ao seu próprio projeto literário - a concepção de um livro voltado ao leitor escolar ou que de alguma maneira cumprisse o propósito de educar -, no qual noções de unidade nacional estivessem interligadas às peculiaridades regionais. Até onde se sabe tal projeto nunca chegou a ser de fato totalmente efetivado, em torno desta produção, que em parte foi realmente concebida, encontramos sempre informações desencontradas, acompanhadas de muitas suposições. O certo é que o

---

<sup>2</sup>A mais recente edição de *Contos Gauchescos e Lendas do Sul* (L&PM, 2012), preparada por Luís Augusto Fischer, apresenta anotações filológicas ou explicativas que facilitam a compreensão do texto simoniano. Além disto, o brilhante ensaio introdutório escrito por Fischer “Vida e obra de João Simões Lopes Neto” examina com cuidado a vida e a obra do escritor pelotense que, para ele, pertence ao universo de grandes escritores ocidentais.

escritor tentou a aprovação de um livro didático, que, no entanto, não recebeu a acolhida dos órgãos estaduais.

A partir de 1910 vem à luz suas obras máximas, *Cancioneiro guasca*, no ano citado, *Contos gauchescos*, em 1912, e *Lendas do Sul*, em 1913. O autor em sua maturidade encontrou no que foi parte substancial de sua formação o material primordial de suas criações literárias. Ao dar a voz à Blau Nunes, o narrador de *Contos gauchescos*, para que este relate episódios de sua memória, possibilitando que o velho gaúcho use recursos linguísticos próprios de seu meio, o inventivo escritor inseriu o mundo campeiro em um texto que encontra o ponto certo entre o culto e o popular. *Casos do Romualdo*, publicação póstuma (1952), foi escrita nos últimos anos de vida. João Simões Lopes Neto faleceu em Pelotas, com apenas 51 anos, em 1916, distante da vida confortável da Estância da Graça, em uma pequena casa alugada, deixando esposa e filha adotiva em situação econômica precária.

Também póstuma é a obra *Terra Gaúcha*, um volume sobre história do Rio Grande do Sul que Simões deixou inacabado e que foi publicado 1955, mas que a princípio não tem ligação maior com a obra de mesmo nome a ser tratada neste trabalho. A falta de informações mais pontuais, e certa aparente desorganização do autor em relação à sua produção, foram determinantes para que não saibamos com clareza como de fato foi pretendido o projeto simoniano de cunho pedagógico. Sua viúva, em parte por não possuir recursos financeiros, não teve condições de manter seu acervo. Sua biblioteca foi colocada à venda, escritos inéditos pararam dentro de uma pequena mala, alguma coisa se extraviou, dados preciosos sobre o autor foram perdidos ou esquecidos.

## 2. O CIVISMO NO COTIDIANO DO PAÍS

Nos últimos anos do século XIX e no princípio do XX teve início no Brasil uma mobilização engendrada por intelectuais preocupados com o destino da educação e com a formação do futuro cidadão brasileiro. Foi um período marcado pela intensa campanha de clara feição positivista que buscava a divulgação de valores decorrentes da universalização do acesso ao sistema escolar, ligada à nova condição republicana.

José Veríssimo, em 1890, publicou *A educação nacional*, obra que analisa a situação educacional no início da República e na qual o autor afirma ser imperativa a mudança do estado moral e material do Brasil, sendo a educação o meio adequado às reformas necessárias. O autor apresenta uma análise geral da instrução pública brasileira de fins do século XIX, trazendo reflexões e alternativas de desenvolvimento da educação no país, sem descuidar-se, contudo, de seu objetivo de valorização do espírito cívico “Uma educação para ser nacional precisa que a inspire o sentimento da Pátria e que a dirija um fim patriótico.”(VERÍSSIMO, 1985, p. 57)

Do ano de 1900 é a obra *Porque me ufano de meu país*, de Afonso Celso Júnior, cujo texto exalta a beleza da exuberante natureza brasileira, motivo pelo qual o país pode ser considerado superior a tantos outros. O autor se desdobra em elogios exagerados acerca de nossa superioridade e grandeza, como neste trecho que discorre sobre o norte do país: “Fértil em incalculáveis riquezas, oferece o Amazonas indizível variedade de aspectos, revelando constantemente amplitude, força e majestade infinitas.”(CELSO, 2002) Também foi publicada em 1900 a obra *Pátria! Livro da mocidade*, do gaúcho Alfredo Varela e de 1906 é *Educação cívica*, de Mário Bulcão.

Todas as obras aqui relacionadas apresentam ideias de civismo e primam pela formação do caráter dos jovens brasileiros. Olavo Bilac também participava ativamente do processo com uma série de publicações voltadas à leitura escolar, *Livro de composição*, de 1899, em parceria com Manuel Bonfim, *Livro de leitura*, de 1901, e *Contos pátrios*, de 1904, este último em parceria com Coelho Neto, outro autor preocupado com as questões cívicas e pedagógicas. Junto com Afrânio Peixoto, Coelho Neto percorreu o Brasil realizando conferências sobre a importância da educação como um dos pilares da nação. Aliás, isso não ocorria só no Brasil, em todo o continente americano se alastravam ideias e ações similares. Antes disso, em 1888, Silvio Romero havia publicado *Cantos brasileiros*, uma coletânea de

contos de matriz popular, que segundo o autor, foram sofrendo alterações com o passar dos tempos devido a influências culturais diversas, portuguesa, africana e indígena. Segundo Romero, os contos originais modificaram-se de acordo com o ambiente, os costumes e a cultura popular de cada região, com a devida substituição de elementos, de lições e valores salientados, e foram se perpetuando através da tradição oral. As diferenças entre as regiões brasileiras aliadas à transmissão oral destes contos conferiu-lhes diferentes elementos, fazendo com que se revestissem de características típicas de cada local específico e contribuíssem com à cultura do Brasil como um todo.

Na Itália, dois anos antes de Silvio Romero publicar sua coletânea, Edmondo De Amicis escreveu *Cuore*, uma singela obra narrada por um menino da escola primária no período pós-unificação. Também esta é uma obra de profundo fervor cívico, através dela quis seu autor contribuir para a formação de jovens cidadãos e da nação italiana.

É neste universo pleno de ideias de integração da nação através da educação e do resgate e preservação da tradição que estava imerso Simões Lopes Neto. Embora não existam informações pontuais sobre as obras e autores com os quais o escritor pelotense possa ter tido contato, na Conferência cívica de 1904 ele se referiu diretamente às obras de José Veríssimo, de Afonso Celso e De Amicis.

### 3. O PLANO EDITORIAL

A conferência proferida por Simões Lopes Neto na Biblioteca Pública Pelotense, em 1904, francamente inspirada na obra *A educação nacional*, de José Veríssimo, pode ser considerada o ponto de partida de seu plano editorial de fundo pedagógico. Em decorrência de percalços econômicos o escritor trabalhou como professor em escolas de Pelotas, talvez tenha sido este o fator desencadeador de tamanho interesse por questões da educação. Várias ações suas são conhecidas, mesmo que careçam de informações mais precisas. Existia o projeto de um livro, o autor afirmou na referida conferência sua intenção de escrevê-lo aos moldes da obra italiana *Cuore*, mas revestindo-o de cenas nacionais:

Um livro em que eu pudesse lançar golpes de luz, de gratidão e amor sobre a imensa tela do Brazil, mas, entoando a gloria excelsa patria...como um passarinho que voeja por todo o jardim, e que tem o seu galho predilecto na roseira mais amiga e ahi desfere o canto, repousado, assim eu me prendesse mais detidamente ao meo Estado natal. Era um livro assim, em que se concretisasse a tradição, a historia, o ensinamento civico e as aspirações patrias, que eu dedicaria, mais vibrante hausto da minha pobre vida, a terra riograndense, mãe de raça forte, tumulto de ossadas venerandas, berço de incomedido patriotismo. Um livro que vivesse no rancho das margens do Uruguay e no palacio das plagas do Oceano; e que das suas paginas simples e sinceras, fulgisse nitida e vivaz, amorosa, exemplificadora e saudosa, a plaga dos pampas, o berço dos Farrapos, a "Terra Gaúcha!!!" (LOPES NETO in TAMBARA, ARRIADA, 2009, p.325)

O incansável e moderno Simões Lopes Neto não sossegava em seu gênio inventivo, noutro lampejo de criação compôs um livrinho intitulado *Artinha de leitura – dedicada às escolas urbanas e ruraes*, inspirado, é muito provável, na *Cartilha maternal ou Arte da leitura*, do português João de Deus, que circulava desde 1876 entre os estudantes brasileiros. Tentou publicá-lo, mas não obteve sucesso em seu intento. Seu livro não foi aprovado pelo Conselho de Instrução Pública do Estado para uso nas escolas primárias, ao que consta por apresentar uma ortografia simplificada – o escritor sempre esteve à frente de seu tempo-, fato que lhe trouxe certo desânimo. Sobre isso e sobre iniciativas ligadas à tradição gaúcha, diz sua sobrinha Ivete Massot:

João Simões parecia advogar, vibrante de entusiasmo, a propaganda do nosso folclore e dos costumes do Rio Grande. Era tão grande o seu amor pelo chão, que fundou em Pelotas o primeiro Centro de Tradições Gaúchas e esse livrinho gauchesco teria o poder de prender a atenção da garotada, como o teve de fascinar as suas sobrinhas, que brigavam pelo único exemplar. E eram dois, aliás, mas o outro havia tomado o rumo do Ministério da Educação, onde teria o destino do primeiro: "Rejeitado". Um dia meu dindo entregou-me uma tesoura, dizendo: -Minha filha, faze destas figurinhas, o que quiseres... Recortei as belíssimas, "prendas" e gauchinhos feitos por ele, feliz da vida,

porque nos meus primeiros anos sentia um prazer imenso em picar papel. Quando ele viu bem mutilada a sua obra, disse à esposa: - Graças a Deus, Velha, este livro teve o poder de dar alegria a uma criança... (MASSOT, 1974, p. 133)

Após a recusa de publicação de seu livro de leitura, João Simões Lopes Neto organizou um conjunto de cartões postais utilizando o material iconográfico da obra rejeitada. A série denominada “Brasileira” era de alta qualidade, ao menos em sua primeira tiragem, mas mais uma vez o resultado não foi o esperado. Não desistindo de sua cruzada pela educação, o escritor peregrinou ainda por diversas cidades do estado na tentativa de popularizar a educação no Rio Grande do Sul. Por ocasião do centenário da cidade de Pelotas idealizou a “Semana Centenária”, conclamando estudantes a realizar uma série de atividades comemorativas.

Por algumas reviravoltas do destino surgiram recentemente algumas notícias sobre as obras *Terra Gaúcha*, cuja inspiração foi o *Cuore*, de Edmondo De Amicis, e *Artinha de leitura*. A professora e historiadora Helga Piccolo folheava um velho livro comprado em um sebo quando uma pequena caderneta escrita à mão em forma de cartilha caiu a seus pés, a *Artinha* que fora rejeitada pelo órgão público simplesmente estava no meio das páginas de tal livro. A professora resolveu doá-la à Universidade Federal de Pelotas (UFPEL), cidade em que Simões nasceu e viveu, e agora está cedida em comodato ao Instituto Simões Lopes Neto, naquela cidade.

*Terra Gaúcha*, por sua vez, veio a conhecimento público por meio da biografia do autor escrita por Carlos Francisco Sica Diniz e publicada em 2003. Sica Diniz viu o material ao visitar o jurista pelotense Mozart Russomano, o exemplar estava na já citada pequena mala onde pararam escritos do autor após sua morte. O jurista a havia herdado da viúva de Simões em reconhecimento por ajuda prestada em um processo de obtenção de pensão. Talvez por uma avaliação precipitada de seu conteúdo por parte de Russomano, ou quem sabe pelas repetidas queixas feitas pela viúva do autor que atribuía à atividade literária parte da culpa pela decadência social do casal, o fato é que ambos decidiram mantê-lo em segredo. Adquirido pelo bibliófilo Fausto Domingues após a morte do jurista, o livro enfim será editado. Com organização e revisão de Luís Augusto Fischer, os manuscritos de *Terra Gaúcha* serão publicados em dois volumes, de aproximadamente setenta páginas cada, exatamente como foram concebidos por Simões Lopes Neto.

#### 4. EDMONDO DE AMICIS

Edmondo De Amicis nasceu em Oneglia, em 1846, e morreu em Bordighera, em 1908, duas cidades situadas na Ligúria, região ao norte da atual Itália. Frequentou o liceu em Turim. Mesmo que se interessasse por literatura, muito antes de iniciar sua carreira de escritor tornou-se militar. Ingressando na Academia Militar de Modena, conquistou o posto de subtenente da infantaria combatendo com reconhecido heroísmo na batalha de Custoza, em 1866. A experiência lhe trouxe inspiração para escrever diversos textos sobre a vida militar, publicados na revista *L'Italia militare*, da qual tornou-se editor em 1867. Tais textos foram reunidos e publicados em livro no ano seguinte e levando o nome *La vita militare*. Neste livro De Amicis descreve com pormenores batalhas e movimentos que fizeram parte da luta pela unificação italiana. Um ano após publicou seu segundo livro, uma compilação de contos chamada *Novelle*, segundo a crítica sua melhor produção literária.

Autor de muitos livros, em alguns escolheu por tema suas viagens, como, por exemplo, *Olanda*, publicado em 1874, *Marocco*, em 1876, *Costantinopoli*, em 1878 e *Sull'oceano*, sobre a vinda à América do Sul, mais especificamente à Argentina. Este último foi publicado em 1884 e talvez seja a única obra produzida à época que fala com rigor sobre o processo imigratório pós-unificação italiana.

Romancista, mas também jornalista -trabalhou no *La nazione*, de Florença-, e poeta - publicou em 1880 um livro chamado *Poesie*-, De Amicis foi um autor que imprimiu em toda a sua produção traços de suas convicções ideológicas e políticas. Em 1883 escreveu *Gli amici* alcançando a partir de então reconhecimento e relativo sucesso. Simpático à maçonaria, homem inquieto, filiou-se ao Partido Socialista. Contribuiu com o partido através de seu trabalho como escritor publicando ensaios que abordam o trabalho infantil, a delinquência, a pobreza, os excluídos de toda sorte, enfim, as diferenças e as injustiças que permeavam a sociedade italiana após o processo de unificação. Sua obra mais reconhecida é, sem dúvida, *Cuore*, que mostra o dia a dia de uma escola de Turin, na qual professores, alunos e respectivas famílias participam de histórias que possibilitam uma narrativa sensível inseridas em contexto que apresenta um pano de fundo socialista.

## 5. *CUORE*

A Livraria e Editores Francisco Alves, do Rio de Janeiro, editou “*Coração. Diário de um menino*”, de Edmondo De Amicis, em 1891, poucos anos após sua publicação na Itália -lá fora lançado em 1886-, numa tradução do renomado literato João Ribeiro. Na primeira edição brasileira a obra foi apresentada como um notável livro de educação moral e cívica - obra-prima dos livros de leitura. Foi sistematicamente reeditada pela Francisco Alves até 1968, quando registrou a 53ª edição.

Escrito para ser lido principalmente na rede escolar italiana, o livro obteve maior sucesso primeiramente fora da escola. Antônio Faeti comenta que a obra traduziu em suas páginas a realidade social do país naquele instante; os leitores foram “atraídos pelos protagonistas operários, artífices, pedreiros, ofendidos do trabalho, pelas condições de vida das classes subalternas” (in MORETTI, 2009, p.143). Talvez por isso a obra *Cuore* fosse de uso sucessivo “nas bibliotecas das seções socialistas em que sempre se achava em companhia de *Os Miseráveis*, de Victor Hugo(...)”.(FAETI in MORETTI, 2009, p.143) É necessário lembrar que aquele era um momento de grande expectativa de renascimento social na Itália.

A ideologia positivista, em voga à época, identificava a escola como meio adequado para que se incutissem na população jovem valores necessários à ordem social. Assim, autores europeus, e também brasileiros, se lançavam à produção de obras para leitura escolar que tinham por objetivo a formação do cidadão como membros realmente participativos da nação. Eram projetos que viam a educação como um todo e a leitura como elemento fundamental deste processo constitutivo.

O livro *Cuore* compreende o diário de Enrico, um estudante que cursa a terceira série de uma escola municipal da cidade italiana de Turim nos anos de 1881 e 1882. A sugestão do diário partiu de seu pai, Alberto Bottini, que é quem corrige as anotações do garoto. É composto por dez partes que correspondem ao período escolástico, que vai de outubro a julho. Cada mês subdivide-se em vários capítulos, e em cada um destes meses, à exceção de julho, encontramos pequenos enredos que levam o nome de ‘conto mensal’. Ao longo de todo o livro, o protagonista é confrontado com situações em que é preciso escolher como deve ou não ser, agir e pensar. Na prescrição das virtudes, a serem adotadas na vida pessoal e social, o autor se refere àquelas reprovadas pela sociedade.

O recurso utilizado por De Amicis para que a grande massa de leitores aprovasse e aderisse a um projeto de formação de uma verdadeira nação italiana foi, sem dúvida, o forte componente emocional. Os jovens leitores deveriam ser conquistados pelo coração, para que abraçassem a causa nacional. A obra, até os dias atuais, vem suscitando reações diversas, muitos a renegam por considerá-la de forte apelo sentimental, mas não há como negar a importância histórica de *Cuore* como propagador de valores que apontavam para a necessidade de constituição de uma identidade nacional, de uma nação una, de princípios morais que norteassem o estado recém-unificado. O propósito do autor era realmente sensibilizar os leitores juvenis através de passagens de grande apelo emocional, despertando-lhes o ideal maior de amor à pátria, tomando por esteio a família, célula principal da sociedade. *Cuore*, além de ter sido um livro de leitura com função moralizadora e intenção educativa, cívica, patriótica, cumpriu um papel social importante no que diz respeito à integração cultural e uniformização da língua falada no território italiano.

O advento das escolas públicas propicia, até certo ponto, a integração entre as classes sociais, e esta se traduz no texto através da diversificada origem social dos alunos, lado a lado nos bancos escolares estão filhos de operários e de burgueses. Fica claro na obra do italiano que a solidariedade entre as classes – e, principalmente, a convivência pacífica entre elas – deve ser o suporte principal na construção de uma nação coesa em torno de uma única consciência. O que permeia a obra são valores familiares aliados a valores sociais, em senso majoritariamente laico, numa clara alusão ao pensamento socialista do qual Edmondo De Amicis retira seu material narrativo e guia suas ações.

O uso do *Cuore* no sistema escolar foi de reconhecido valor formativo, alcançando sucesso não só na Itália, mas no resto da Europa e também na América. Foram 40 edições nos dois primeiros meses e meio, ao fim de dez anos alcançava o expressivo número de 197 edições. Até meados do século XX, a história contada pelo menino Enrico Bottini foi traduzida em outros quarenta idiomas, o que vem a corroborar o seu êxito. *Cuore* é considerado o produto mais notável da ação educativa pós-unificação, a ele seguiram-se outras obras, sem que, entretanto, tenham tido tamanha repercussão.

No Brasil, a proclamação da República despertou sentimentos semelhantes aos do contexto italiano, a valorização da pátria, a necessidade de afirmação do Estado e a noção da importância de uma educação laica faziam parte da ordem geral. Neste sentido a recepção de *Cuore*, ou *Coração*, não poderia ser diferente, um grande sucesso. O livro italiano inspirou

muitos autores e obras foram publicadas aos moldes da italiana. E a recepção positiva da singela história italiana não esmaeceu visto que até a década de 60 ela foi muito utilizada em salas de aula Brasil a fora.

Além das repetidas edições da Livraria e Editores Francisco Alves, do Rio de Janeiro, em 1907, *Coração* foi publicado pela Livraria Universal de Pelotas. É provável que Simões Lopes Neto tenha tido contato com esta edição pelotense, mas o certo é que na ocasião desta publicação ele já conhecia bem a obra italiana, posto que a citasse enfaticamente na conferência de 1904.

## 6. *TERRA GAÚCHA*

*Terra Gaúcha* é composta por duas partes, “As férias, na estância” e “O estudo, no colégio”. A obra - que tal como o *Cuore* é escrita na forma de um diário - inicia com o relato feito pelo menino Mayo da inauguração do Colégio Municipal, na cidade, em seguida ele e sua família dirigem-se para a estância, onde se desenvolve toda a primeira parte. A escola será retomada no segundo tomo, “O estudo, no colégio”, passando a ser a partir daí o centro da narrativa. Na primeira parte, a da temporada de férias no campo, o menino descreve costumes e hábitos da vida rural, e mais, explica sobre medidas agrárias, esclarece significados de termos como gaúcho, monarca, expõe as atribuições de um capataz, conta detalhes sobre sua família, valorizando os laços não só familiares, mas também de amizade. Um destes laços é conferido através da presença da personagem siá Mariana, uma antiga agregada da estância, contadora de histórias, personagem que torna possível a inserção de algumas lendas e relatos da tradição oral, mescladas à ficção. Todo este universo vem entremeado de reflexões sobre como proceder diante das mais variadas situações, tudo sob a ótica infantil, o que torna a narrativa suave e singela.

Embora a primeira parte de *Terra Gaúcha* não seja o objeto principal deste estudo, será feito um apanhado de seus pontos fundamentais, em especial das passagens que se referem à importância da escola, assunto que domina o segundo tomo e é um dos elos que une as duas obras em questão e possibilita sua comparação.

“As férias, na estância” inicia com a inauguração do Colégio Municipal, como já citado anteriormente. As reuniões que precederam a festa foram na casa de Mayo - seu pai era um dos fundadores do novo colégio-, e contavam com a presença de pessoas importantes da sociedade que estavam envolvidas no projeto. Tanto as reuniões quanto a festa foram descritas através do olhar do menino em detalhes carregados de impressões e juízos sobre as diferenças entre o mundo adulto e o infantil.

Após a festejada inauguração a família dirige-se à estância, a partir de então nos deparamos com um panorama do mundo campeiro, rico em imagens e pormenores da vida rural. A diferença entre a vida da cidade e a do campo, a sensação de liberdade e imensidão de espaço confronta-se com a vida ‘de queixas’ da cidade, onde pessoas são levadas a pedir esmolas para comida ou para a botica. Na campanha, ao contrário, a fartura e a troca de obséquios entre vizinhos e compadres reinam absolutas.

A mãe de Mayo, ele nos conta, é simpática, modesta e firme, quando alguém adocece “é uma enfermeira que não dorme” (LOPES NETO, p.7), cuida dos três filhos com devoção, cuida da casa e passeia com seu pai de braços dados todas as tardes. O pai é campeiro e valente “um guasca: forte com os atrevidos, compassivo com os fracos.” (LOPES NETO, p.10) A admiração do menino não se resume ao perfil de gaúcho vigoroso que ostenta o pai, pois ele “quando vem para cidade, veste a sobrecasaca, sabe dançar fazendo mesuras às senhoras, canta trechos de óperas, sabe versos, lê jornais e é bem recebido em todas as rodas.” (LOPES NETO, p.10)

A narrativa passa a apontar para o espaço geográfico e para a formação do Continente, a primeira estância da família, construída por seu avô, era da época do forte de São Pedro do Rio Grande (1736) e dos tempos do heroico Raphael Pinto Bandeira. Agora não passa de uma tapera, repleta de ninhos de aves e com madressilvas que sobem pelos restos de suas paredes. Estância, explica Mayo descrevendo o ambiente de maneira graciosa, é o “quartel-general da propriedade” (LOPES NETO, p.14), e fazenda é o que compreende tudo, casas, galpões, gado, mas hoje em dia “é comum e admitido dizer estância ou fazenda no mesmo sentido”. (LOPES NETO, p.14)

Personagem importante deste primeiro tomo é o capataz Juca Polvadeira que em certos momentos cumpre o papel de conselheiro de Mayo, dentro de seu raciocínio simples e prático transmite valores não só da tradição campeira, mas de vida reta e honesta. Estimula o menino a se dedicar com afinco aos estudos e a respeitar os pais acima de tudo. É junto com ele que Mayo vai tomar contato direto com os serviços de campo, vai tomar o apoio<sup>3</sup> cedo da manhã, vai acompanhar domas e pealos<sup>4</sup>, vai assistir parar o rodeio, enquanto pensa com aflição “Ai! Ai! Meu Deus! Como estas férias vão indo à disparada!...” (LOPES NETO, p.22) É que o menino vive intensamente naquele mundo que tanto ama, respira a liberdade e, apesar de entender a importância dos estudos, não gostaria de abandonar a vida na campanha. Quando ele diz ao amigo Juca que seria bom se “fosse peão da estância, porque, então, não iria mais para o colégio” (LOPES NETO, p.22) o capataz imediatamente pondera sobre a importância da educação, o que demonstra a preocupação do autor pelotense em imprimir na sua obra questões referentes à instrução no Brasil:

---

<sup>3</sup>Apojo:primeiro leite extraído da vaca cedo da manhã

<sup>4</sup>Pealo: o tiro de laço

— Não diga barbaridades! Pois então você não quer ir aprender, não quer saber muito, todas as cousas, falar a língua dos estrangeiros que vivem nos embuçalando, saber como eles fazem as mecânicas que nos impingem, nos rasqueteando os patações; então não quer conhecer as manhas e cavorteiradas deles e as outras novidades do mundo; então não quer saber como é que se faz estradas de ferro, e as máquinas, o fio elétrico, os navios a vapor, o pano que a gente veste e a louça e os remédios, o papel das cartas e as armas de fogo e as enxadas e os arados, e quantas outras endrominas que há por esse mundo de Cristo? Com que então... não quer? Não quer estudar e quer ficar aqui, como peão da estância!... Ora, doutorzito, tire o cavalo da chuva! Se todos pensarem assim, vai ser bonito: vamos andar como o caranguejo, que caminha para trás... Você nem pode ainda fazer uma ideia do que é o homem que não sabe nada de nada; é uma tristeza, uma vergonha, é até uma desmoralização. Um gaúcho ignorante como eu, que mal sei ler e fazer as quatro contas e mal firmo o meu nome, é uma [...]; agora imagine um pobre peão, coitado, que nasce, vive e morre numa vida de bicho bruto! Amigo: quem dera que houvesse uma escola na porteira de cada estância! Até eu, de barbas brancas e já duro dos miolos, até eu, voltava lá, para aprender de novo e mais. (LOPES NETO, p.22)

Durante um rodeio, que atrai vizinhos e amigos, negócios com animais são feitos e hóspedes são recebidos em casa, como o senhor Marcos que chega acompanhado de seu filho Roberto, rapazinho que vai se tornar amigo de Mayo. Os dois garotos vão partilhar animados momentos da grande atividade que envolve os animais da propriedade, farão parte da roda dos homens no galpão onde a acordeona e a viola embalam cantorias e desafios, mas também vão discutir sobre a importância dos estudos na formação do cidadão comparando as coisas da terra com as de fora. Roberto diz ao amigo:

(...) eu quero estudar: é para saber bem o que é que nos outros povos há realmente de útil para nós; sim, o que for bom, eu hei de fazer e usar, como eles; mas as pinóias é que não, e não, que é com certeza como eles fazem conosco. E Mayo ficou pensando. E o Roberto falava sério, sério, que eu fiquei respeitando as palavras dele... E me lembrei do amigo Juca, naquele tal dia em que eu disse que preferia ser peão da estância. (LOPES NETO, p.64)

A personagem siá Mariana, a velha agregada da estância, é peça importante da narrativa, é através dela que Simões Lopes Neto insere no enredo as lendas “O negrinho do pastoreio” e “O boi-tatá”, que posteriormente farão parte da obra *Lendas do Sul*, publicada em 1913, aparecem neste primeiro tomo introduzidas pela antiga contadora de histórias.

Na segunda parte a narrativa torna ao Colégio Municipal, acabam as férias e, não sem certa contrariedade, Mayo inicia o ano escolar. O seu diário de férias será organizado e dará lugar também às anotações de sua vida na escola:

Eu hoje tive bastante o que fazer. É o caso: meu pai quer — diz ele que para eu desembaraçar a letra — quer que eu passe a limpo — e muito limpas — as notas que lá na estância eu tomei num caderno — e mais, também quer que vá

tomando notas de tudo o que se passa no Colégio, durante as aulas, para eu ir fazendo um diário da minha, ou antes, da nossa vida escolar. Diz ele que mais tarde, quando eu for já moço e tiver bigodes — Viva! Quando eu tiver bigodinho! — hei de rir-me de umas coisas, por fúteis, singelas ou tolas, darei valor a outras por serem sérias e proveitosas e terei saudades tanto de umas como de outras. Assim é que já tenho rabiscado uma boa porção de folhas de almanaque. Vou escrevendo como Deus é servido e a cachola me ajuda; naturalmente a redação com erros e a caligrafia com garranchos... Quando me vejo muito atrapalhado, querendo dizer o que penso, mas não sabendo bem como fazê-lo, é então que papai me acode, explica o meu próprio pensamento e depois, manda sem mais conversa: — Anda, já entendeste: agora escreve. Dará o que sair. E eu que me arranje. Ora já se viu! Mas não faz mal. Agora já sei bem o que é que ele quer. Em vez de contar, falando, o que se passou comigo durante o dia, tinha de o contar escrevendo. Pois que assim seja. Há de ser tudo tim-tim por tim-tim! Por isso é que já relatei mais ou menos o que se passou nos meus três primeiros dias de Colégio Municipal. (LOPES NETO, p.7)

O segundo tomo de *Terra Gaúcha* se assemelha muito ao *Cuore*; nos dois textos temos o mundo da escola visto através dos olhos de dois meninos que aprendem através de vivências, de alegrias e de sofrimentos, os valores de vida que correspondem à representação de mundo dada pelos autores. Nos capítulos iniciais de “O estudo, no colégio” o menino Mayo descreve seus primeiros dias na nova escola e faz comentários sobre seu professor, o Mestrinho, que já havia aparecido na inauguração do Colégio Municipal. O garoto demonstra respeito e admiração pelo novo mestre, pela forma como ele ensina e se reporta aos alunos. Ele também dá exemplos de conduta fora da escola; explica aos meninos, por exemplo, como devem se comportar frente a um enterro ou que não devem rir de desgraças alheias. Ele está sempre pronto para interceder e resolver as pequenas rugas de seus alunos, o que faz com que os garotos o estimem. A escola retratada em *Terra Gaúcha* não está vinculada apenas ao que é local: os alunos são de diversos estados do Brasil.

— Esperem lá, esperem lá, rapazes! — disse o Mestrinho. — Vamos num movimento formar os Estados, por grupos dos respectivos filhos. Passem para este lado os filhos de cada Estado, conforme eu os for chamando. Amazonas! Pará! Maranhão! Ceará! Rio Grande do Norte! Paraíba! Pernambuco! Alagoas! Sergipe! Bahia! Piauí! Espírito Santo! Rio de Janeiro! Minas Gerais! Goiás! Mato Grosso! S. Paulo! Paraná! Santa Catarina! Rio Grande do Sul! Do Acre ainda não temos ninguém. Em idade, é a mais nova das divisões do Brasil, pois foi criado em 1904. Aos pares, um a um, aos três tínhamos sido chamados todos. Apenas restava um, o Lacerda, o Lacerdinha, como era conhecido, e que estava um tanto espantado de ter ficado só. — Então, Lacerdinha, não és de nenhum dos vinte Estados? É boa! Caíste da lua, talvez? — Eu não sei a quem pertença, não. Que eu sou carioca! — Tens razão, rapaz! Não pertences a nenhum: és de todos. Tu és o Distrito Federal. Agora, ouçam. Por uma feliz coincidência, tenho nesta aula meninos de todos os Estados do país, portanto, com vocês e entre vocês mesmos tenho aqui representado todo o Brasil. Eu quero que todos se conheçam muito bem, amem-se com

sinceridade e saibam se desculpar uns aos outros pequenas desinteligências. (LOPES NETO, p. 13)

O professor lhes diz que façam pequenos relatos em aula a fim de passar aos colegas informações sobre seus estados. Aqui podemos notar a intenção do autor de fazer de sua obra um meio de ligação e integração entre as diversas regiões do país.

Daqui em diante, nas suas datas memoráveis, cada Estado terá que contar aos outros alguma coisa da sua vida, dos seus costumes, fatos da sua história, das suas tristezas ou das suas glórias. Portanto, cada um de vocês que representa aqui o seu Estado, por direito de nascimento, trate de pensar no que acabo de dizer e prepare-se para dar conta do recado. E aquele que não souber ao menos um sucesso da sua história, perde a minha estima — o que é pouco mas dará uma triste nota de ingratidão, de egoísmo e até de covardia para com o pedaço da terra abençoada, que viu nascer tão mau filho. Valeu? Cada um se obriga? (LOPES NETO, p.13)

Mais adiante o autor vai retomar o assunto dando o mesmo enfoque. Em “Aviso”, capítulo no qual as datas festivas nacionais e estaduais são apontadas, o professor vai novamente sugerir que cada aluno fale sobre seu local de nascimento.

Quero dizer-lhes mais o seguinte: além dos dias nacionais, os Estados têm os seus dias peculiares, assinalados, as suas datas estimadas. Como está determinado, os filhos dos Estados respectivos farão para seus condiscípulos e para mim um estudo, uma pequena conferência, uma apreciação sobre um tema qualquer, sobre um fato notável, sobre uma cidade, uma anedota histórica, enfim, sobre um qualquer assunto, contanto que ele seja brasileiros. (LOPES NETO, p.40)

As aulas de educação física são ministradas pelo professor Schultz, de provável origem germânica; ele é bastante rigoroso e passa o tempo todo repetindo que em sua terra, há disciplina e organização. O próprio Mayo reconhece que ele está certo:

Na minha terra, disciplina! Entendeu, senhor?... Ficamos vexados; o mestre Schultz não gastava palavrinhas açucaradas para dizer as coisas: era pão, pão, queijo, queijo! E, aqui para nós — muito em particular —, tudo o que ele disse que lá na terra dele não se fazia era justamente o que nós estávamos fazendo. É duro de confessar, mas é verdade. (LOPES NETO, p. 17)

Mayo mantém seu material ordenado, anota tudo em seus cadernos e fica muito feliz porque na nova escola se aprende e não se decora a lição.

Por enquanto tenho tomado algumas notas somente de assuntos que não são dos nossos estudos, porque destes temos as lições marcadas nos livros, os cadernos de ditado, de desenho, de música, de cálculos. E tudo isto temos feito com regularidade, e vagarosamente, porque aqui, não se decora; faz-se cinco, dez vezes a mesma coisa, e quando o sujeito declara que entendeu, que sabe, é porque sabe mesmo — praticamente, isto é: sabe fazer, de verdade, e não decorado, na ponta da língua, como se diz. (LOPES NETO, p. 22)

Na hora da sabatina os alunos são examinados por uma banca de três professores, a preocupação maior é que os alunos saibam a lição, ou seja, mais uma vez é dada ênfase à aprendizagem e não a somente decorar o conteúdo “— Basta, isto me chega. Prefiro que o senhor saiba pouco com toda a segurança, do que muito, vacilando. Quem sabe, sabe.” (LOPES NETO, p. 22) A escola de *Terra Gaúcha* é apresentada como um ambiente em que os alunos são levados a pensar por si próprios, o maior exemplo disto é o Mestrinho que “ensina coisas que não estão nos livros” (LOPES NETO, p.26). O professor insiste com os alunos para que sejam responsáveis em relação a seus compromissos, diz que devem entender que juntos são mais fortes e que eles, os jovens, são o futuro do país. Ele é um homem de mente aberta, que sabe ser tolerante e ao mesmo tempo exigente.

Ele anima os meninos; ensina brinquedos de pular, de correr, de fazer força; conta-nos fatos da história do Brasil e da vida de muitos brasileiros; recita versos, canta e ensina manobras tão bem que parece que ele já foi militar. Ao mesmo tempo ele não parece criança: porque tudo quanto ele faz e ensina e manda é com tão bom modo, tão sério, tão convencido, tão claro e explicado, que todos nós também ficamos muito sérios, atentos, executando muito bem as ordens, e ninguém tem a petulância de faltar com o respeito ao Mestrinho. (LOPES NETO, p.42)

A importância da pátria e de seus símbolos aparece de diversas formas neste segundo tomo; os Hinos da Independência e Nacional são tema de três capítulos. Os meninos não sabem cantá-los, o que os deixa envergonhados. Ao retornar a casa após a escola, Mayo conta a situação embaraçosa vivida em sala de aula. Desculpando-se por não ter lhe ensinado os hinos do país, o pai lhe faz conhecer o Hino da Independência e garante ao menino que ele vai aprender também o Hino Nacional e o da República.

— Mayo, eu to ensinarei, meu filho, o primeiro hino brasilês, o Hino da Independência, depois o grande Hino Nacional, o mais sonoro, o mais entusiástico, o mais vibrante dentre todos os hinos do mundo; depois o Hino da República, o mais moderno. (...)Não, meu filho: nem tu nem os teus colegas têm motivo de se envergonharem; é lastimável o fato, é, porém vocês não tem culpa nele. A culpa, a falta, o descuido é meu, é de teus tios, dos amigos de teu pai, é de todos os pais que não o ensinaram aos seus filhos e não os obrigam a saber e a cantar, a conhecê-lo e amá-lo e respeitá-lo. E o melhor é que, sem nos dizer uma palavra, o Mestrinho, por intermédio de vocês, filhos, mandou a todos nós, pais, as suas justas censuras; é bem feito, sim: ele tem razão. Mayo, havemos de saber isso, muito bem: tu, aprendendo, eu, recordando! (LOPES NETO, p.32)

Três capítulos da segunda parte de *Terra Gaúcha* levam o mesmo título: “Historinha de Portugal (Ditado de hoje, na lição de escrita)”. O primeiro discorre sobre o surgimento da monarquia portuguesa, fazendo um recuo à época da fundação de Roma e da posterior

conquista da península ibérica por parte dos soldados romanos. O segundo fala das grandes navegações portuguesas e cita, ao final, o poeta Luís de Camões: “E para coroar tanto poder e para que se não perdesse no mundo o esplendor dessa grande época portuguesa, um poeta escreveu um dos mais monumentais poemas que se conhece. O poeta é Camões. O poema, *Os Lusíadas*.” (LOPES NETO, p.57) O terceiro capítulo conta a travessia de Pedro Álvares Cabral até o Brasil: “Aproaram, chegaram, lançaram âncoras, e a frota balançou-se nas águas sossegadas. Ao monte que primeiro foi avistado o almirante pôs o nome de Monte Pascoal, e ao ponto em que fundeou a frota, o nome de Porto Seguro.” (LOPES NETO, p.61)

Outros capítulos igualmente portam referências históricas; em “As moedas”, capítulo que gira em torno da coleção de um dos meninos, é ele quem passa algumas informações sobre as primeiras moedas brasileiras: “— As primeiras moedas cunhadas no Brasil o foram ainda no tempo dos holandeses que ocuparam Pernambuco; eram de ouro e de prata e de um feitio estranho.” (LOPES NETO, p.52) Também nas conferências estabelecidas pelo Mestrinho, anteriormente referidas, os alunos vão apresentar aos colegas alguns episódios históricos de seus estados. O carioca, por exemplo, diz que após a chegada dos primeiros portugueses à baía do Rio de Janeiro, esta esteve por muitos anos abandonada “até que em 1555 um francês, o almirante Villegaignon, com uma numerosa esquadra apossou-se dela(…)” (LOPES NETO, p.72) As apresentações dos meninos, contudo, não se atém somente à fatos históricos de suas cidades ou estados, aspectos da geografia das regiões também são compartilhadas em sala de aula. O carioca descreve a baía da Guanabara:

Logo à entrada, à esquerda uma imensa pedra, lisa, que os indígenas chamavam de pedra cupim e que os portugueses batizaram de Pão de Açúcar; à direita a Fortaleza de Santa Cruz, que é a sentinela da barra. Em frente, ao fundo da baía, alta sobre as águas, a serra dos Órgãos, que mostra uma porção de grandes pontas de pedra como se fossem desalinhados dentes de uma serra, postos para cima. (LOPES NETO, p.70)

A presença da tarefa de aula referente ao local de origem dos alunos parece indicar que a intenção de Simões Lopes Neto fosse a de incluir todos os estados na narrativa. Contudo, somente dois deles fazem parte do manuscrito original: Rio de Janeiro e Mato Grosso. Este último, ainda que incompleto, encerra os escritos.

Ao longo do primeiro tomo diversos acontecimentos propiciam reflexões do menino Mayo e dos que o cercam. Situações de sala de aula são levadas para casa e o menino encontra em seus pais o apoio necessário para enfrentá-las ou entendê-las. É o caso de “Um tabefe”, capítulo que conta a desavença entre dois colegas por causa de uma ofensa a uma das

mães. O episódio vai propiciar que o autor traga para dentro da narrativa uma lenda medieval de origem francesa que aportou ao Brasil e aqui recebeu adaptações. No capítulo seguinte ao supracitado, denominado “Coração de mãe”, Mayo relata a sua mãe a briga ocorrida entre os companheiros de escola; ela lhe conta, então, a pequena história que versa sobre o alcance do amor materno e as consequências advindas das más companhias.<sup>5</sup>

O propósito de Simões Lopes Neto era escrever um livro que fosse portador de valores cívicos, que valorizasse as coisas da terra não deixando de inseri-las em um contexto mais amplo, o nacional. Mesmo que *Terra Gaúcha* não tenha sido finalizada, fica a impressão de que Simões Lopes Neto estava no caminho certo para atingir seu intento; examinando o corpo da obra é possível verificar que os pontos citados como primordiais para que um livro escolar realmente contribuísse para a formação dos jovens brasileiros estão presentes; tradição, história, ensinamento cívico e aspirações pátrias são os aspectos citados na conferência proferida em 1904, e estes permeiam a obra do pelotense. Uma questão adquire grande relevância em toda a segunda parte de *Terra Gaúcha*: a reflexão sobre o ato de ensinar. O foco desta recai sobre uma educação menos rígida, que ressalte a participação dos alunos e valorize suas diferenças; o que vem a fortalecer a ideia de que Simões Lopes Neto era realmente um sujeito de ideias a frente de seu tempo.

---

<sup>5</sup>Trata-se de uma lenda bretã que encerra a obra *La Glu*, do francês Jean Richepin, publicada em 1883. A mulher amada, manipuladora, pede ao apaixonado que lhe traga o coração de sua mãe como prova de seu amor. Ele a atende em seu pedido. Correndo ao seu encontro, tropeça, deixando cair de suas mãos o coração. Este lhe pergunta, então: “-Magoaste-te, meu filho?” Em *Terra Gaúcha*, são as más companhias que levam o rapaz a arrancar o coração de sua mãe. O filho, bêbado e jogador, acredita em uma crença popular que diz que aquele que beber sangue de mulher velha não mais se embebedará e ainda poderá enriquecer. Em 1951, o cantor brasileiro Vicente Celestino lançou “Coração materno”, canção que reproduz a lenda francesa tal qual esta se apresenta na obra *La Glu*.

## 7. A INTERTEXTUALIDADE: *CUORE* E *TERRA GAÚCHA*

Na formação de um texto identificamos o olhar do próprio escritor sobre o que o cerca aliado à leitura que ele faz do passado, numa reinterpretação, numa apropriação de textos pré-existentes. É um ‘mosaico de citações’ - ao qual se refere Julia Kristeva na definição de intertextualidade-, um texto original que absorvido, transformado e transferido para outro contexto possibilita uma nova criação literária: “(...) todo texto se constrói como mosaico de citações, todo texto é absorção e transformação de um outro texto.” (KRISTEVA, 1974, p. 64). A intertextualidade, ou seja, a presença efetiva de um texto em outro, é um conceito chave para a análise comparativa destas duas obras. *Terra Gaúcha*, como sinalizou Simões Lopes Neto na conferência cívica de 1904, foi realmente escrita nos moldes da obra italiana, sua narrativa carrega traços que possibilitam apontar para essa estreita ligação, seja no que tange a sua organização, a sua estrutura, ou em relação a personagens, é um diálogo franco e aberto.

As duas obras apresentam divisão similar, ambas compreendem capítulos que funcionam como um diário escolar, no sentido prático e objetivo, nele são anotados acontecimentos de dentro e de fora da escola sob a forma de episódios e encontros. São episódios que, todavia, não se atém ao ordinário, eles possibilitam em ambas as obras, reflexões sobre a realidade das sociedades em que se inserem. Mesmo que na obra italiana as questões sociais adquiram maior relevância que na brasileira, a valorização da educação na obra de Simões Lopes, atribuindo-lhe papel decisivo na formação de cidadãos e nação, também traz a tona temas desta ordem. Há que se pensar que *De Amicis* é autor de uma obra acabada, que foi publicada e obteve sucesso e reconhecimento, ao passo que a obra do autor pelotense não foi de fato totalmente concebida, são muitas lacunas e interrupções, as quais – infelizmente- nos dão por vezes a sensação de pouco aproveitamento do grande potencial do material que o autor tinha em mãos.

Nas duas obras os capítulos levam títulos e obedecem a uma ordem cronológica. A escola é o pano de fundo e por meio dos acontecimentos que giram em torno dela desenvolvem-se as narrativas. As duas histórias transcorrem durante um ano escolástico e referem-se ao período real em que foram escritas. Os narradores são meninos por volta dos dez anos, mas no interior dos dois tecidos narrativos estão inseridos outros enredos, de cunho histórico, que não são narrados pelos garotos.

O sumário de *Cuore* é dividido pelos meses do calendário escolar, de outubro a julho, sendo, portanto, composto por dez partes. Cada uma destas divisões compreende vários capítulos sem que, entretanto, obedecem a um número fixo, algumas partes são compostas por sete, outras por dez ou até por doze capítulos. Em cada uma destas partes que correspondem aos meses do ano escolar, à exceção de julho, encontramos pequenos enredos denominados “conto mensal”, são histórias apresentadas pelo professor, por escrito para posterior cópia por parte dos alunos, e que apresentam tramas portadoras de referências históricas e preceitos morais. Alguns destes contos são introduzidos na narrativa pelo próprio Enrico, é o caso do primeiro, do mês de outubro “Todo mês, disse, ele vai escrever um, vai nos entregar por escrito, e será sempre o relato de uma ação bonita e verdadeira, realizada por um garoto. O pequeno patriota de Pádua é o título deste. Eis os fatos.” (DE AMICIS, 2011, p. 31) Outros contos compõem o conjunto dos capítulos sem que haja a interferência direta do narrador menino, a narração passa a ser feita em terceira pessoa. Já em “Mérito civil”, o conto do mês de abril, a narrativa gira em torno do feito heroico de um menino da região. A forma como o enredo é inserido na obra foge um pouco do padrão adotado até então. Professor e alunos participam da homenagem pública a tal garoto, a narração da comemoração é feita por Enrico, e mescla-se à do conto mensal propriamente dito que tem por narrador o prefeito da cidade.

Os contos tem o objetivo de fortalecer o espírito cívico ou as virtudes morais, apelando para o sentimentalismo do leitor e ressaltando pensamentos otimistas frente às dificuldades da vida, numa visão que, não muito raro, se afasta da realidade. A intenção do autor é fazer com que o leitor sinta-se parte do texto, identificando-se com os personagens e com os eventos narrados e com eles aprendendo valores de conduta ética. Estes relatos que integram a narrativa maior são protagonizados também por meninos; além dos dois já citados encontramos outros sete – “O pequeno vigia lombardo”, “O pequeno escritor florentino”, “O tocador de tambor sardo”, “O enfermeiro de Tata”, “Sangue romanholo”, “Dos Apeninos aos Andes” e “Naufrágio” -, que compõem o vasto tecido narrativo que inclui personagens de vários pontos da Itália. Também estão presentes em cada mês cartas dos pais e da irmã nas quais valores morais em forma de conselhos são direcionados ao menino Enrico. Tanto os contos quanto as cartas estão inseridos de forma coesa dentro da narrativa maior e servem de passagem ou ligação entre argumentos, sendo que as últimas funcionam como contraponto ao olhar infantil do menino.

Cabe ressaltar que precede o primeiro capítulo uma pequena introdução ou dedicatória, nela está dito qual é o propósito e a quem se destina o livro:

Este livro é dedicado em especial aos jovens do primeiro grau, aqueles entre nove e treze anos, e poderia ser intitulado: História de um ano escolar, escrita por um aluno da terceira série de uma escola municipal da Itália. E, ao dizer que foi escrita por um aluno da terceira série, não quer dizer que tenha sido escrita propriamente por ele, tal como está impressa. Ele ia anotando num caderno, do jeito que sabia, aquilo que havia visto, sentido, pensado, dentro e fora da escola. E, no fim do ano, seu pai corrigiu aquelas anotações, cuidando para não alterar as ideias, e conservar, tanto quanto possível, as palavras do filho. Então, quatro anos depois, já no Ensino Médio, o menino releu o caderno e acrescentou alguma coisa pessoal, valendo-se da lembrança ainda fresca das pessoas e das coisas. Agora, jovens, leiam este livro: espero que gostem dele e que lhes faça bem. (DE AMICIS, 2011, p.11)

Nas duas obras, portanto, identificamos a orientação paterna no sentido de realização do diário por parte dos dois meninos. Em todas as edições brasileiras de *Cuore* da Francisco Alves Livraria e Editora, à exceção da primeira, foi suprimida a introdução na qual o pai de Enrico explicava como deviam ser realizadas tais anotações. Logo, Simões Lopes Neto deve ter tido contato com um exemplar da primeira edição ou, quem sabe, com um exemplar de uma edição espanhola ou portenha, visto que na Argentina a obra teve estrondoso sucesso.

Em *Terra Gaúcha*, Mayo, ao ser orientado pelo pai a escrever suas experiências, recebeu a incumbência de fazê-lo também durante as suas férias. A narrativa “As férias, na estância” é composta por cinquenta e oito capítulos. No segundo tomo, tal qual *Cuore*, os capítulos correspondem a episódios ou dias vividos na escola ou mesmo fora dela, mas sempre durante o período escolástico. Quarenta e oito capítulos fazem parte de “O estudo, no colégio”, entre estes encontramos os três anteriormente citados cujo título se repete: ‘Historinha de Portugal’. Os referidos capítulos levam consigo o complemento, entre parênteses, “Ditado de hoje, na lição de escrita”. Os trechos são narrados em terceira pessoa e trazem fatos da história da península ibérica. Além destes três também há outros de feição histórica, em “Lembranças, saudades...” e “Fundação da cidade do Rio de Janeiro” aspectos da história da então capital federal são relatados por um colega que é oriundo daquela cidade. Outro capítulo, denominado “Mato Grosso”, leva a mesma indicação de ditado na lição de escrita, e, por sua vez, conta com a participação do menino nascido no referido estado. São ‘conferências cívicas’, como se refere a elas o professor, e consistem em apresentação dos alunos de características e fatos históricos dos estados, cidades em questão, enquanto o resto da turma anota o que vai sendo exposto.

“O estudo, no colégio” inicia com uma graciosa reflexão do menino Mayo acerca do dia de amanhã:

Ninguém adivinha o que será o dia seguinte. Nas coisas mais simples ninguém sabe, quanto mais em outras! Quantas vezes ouço meu pai dizer com um ar muito seguro: —Amanhã, com certeza, choverá. E amanhece um dia de rosas! — Amanhã vamos ter um belo dia. E amanhece chovendo a potes. Não sei: mas parece que é mesmo melhor a gente ignorar o que será o dia seguinte; porque, por exemplo, sabendo que irá sofrer uma desgraça, como é que o homem passará as horas até ela realizar-se? Desgraçado, desde logo, porque ele não poderia deixar de entristecer-se e sofrer, esperando a hora terrível. E se fossem alegrias? Então sim, ah! Seria bom! Pois, não: não seria bom. Seria uma alegria preparada, requentada; eu acho que a alegria é boa quando é repentina, imprevista, quando ninguém a espera e ela apresenta-se, fazendo-nos rir, cantar, pular. (LOPES NETO, p. 1)

Em seguida o foco da narrativa passa a ser o primeiro dia no novo colégio, o Colégio Municipal, que havia aparecido no primeiro capítulo de “As férias, na estância” quando de sua inauguração, ao final do ano anterior. Tanto a obra *Terra Gaúcha*, no segundo tomo “O estudo, no colégio”, quanto *Cuore* iniciam seus relatos com uma descrição do ambiente festivo do princípio do ano escolar. Mayo, o pequeno narrador de Simões Lopes Neto discorre sobre a algazarra no começo daquela manhã de janeiro:

Naturalmente hoje houve confusão, porque os meninos não sabiam a que seção pertenciam e conforme iam entrando, impacientes no grande vestibulo da portaria, iam se metendo na primeira sala onde achavam um lugarzinho. Havia um sussurro alegre por toda a parte. E em meio daquela grazinada é que os mestres das diversas divisões, pelas listas de inscrição, iam fazendo a chamada das suas respectivas classes. Dava-se uma troca constante de lugares; só se via meninos juntando livros, apanhando as bolsas; outros, atrapalhados, apanhando do chão os cadernos e lápis e canetas, que escapando da correria haviam se espalhado. (LOPES NETO, p.2)

Enrico, personagem do *Cuore*, conta sobre o grande movimento em torno da escola em decorrência da volta às aulas “Todas as ruas formigavam de garotos e garotas; as duas livrarias estavam cheias de pais e mães que compravam mochilas, pastas e cadernos e, diante da escola, tinha tanta gente amontoada que o bedel e a guarda municipal se esforçavam para manter a porta livre.” (DE AMICIS, 2011, p.15). E continua “Foi difícil entrar. Senhoras, senhores, mulheres do povo, operários, oficiais, avós, empregadas, todos segurando garotos numa das mãos (...)atravancaram o salão de entrada e as escadarias, fazendo um barulho parecido com o do saguão de um teatro.” (DE AMICIS, 2011, p.15)) A escola como espaço físico aparece em ambos os relatos, são grandes, iluminadas e com várias salas:

O Colégio Municipal é enorme; há muitas salas espaçosas, outras menores, todas muito caiadas e lustrosas com uma leve cor verde, que é suave para os

olhos, tendo também todas umas janelas altas e largas, por onde entra ar e luz a valer. A gente respira bem à vontade e não precisa estar apertando os olhos para enxergar. (LOPES NETO, p.2)

Já Enrico, ao mesmo tempo em que descreve com prazer a escola com seu “grande vestíbulo no térreo, com as portas das sete salas”, traça um paralelo entre o espaço aberto e o fechado recordando a liberdade das férias “Me pareceu tão pequena e triste a escola, ao pensar nos bosques e nas montanhas onde passei o verão”. (DE AMICIS, 2011, p.16) Mayo, aparentando maturidade ou ao menos resignação afirma que “As férias estão passadas; não arranjo nada ficando a suspirar por elas. Primeiro a obrigação; depois a devoção. Toca a estudar.” (LOPES NETO, p.2)

No terceiro capítulo de “O estudo, no colégio” os meninos discutem sobre a educação de um modo geral, descrevem outras escolas em que foram alunos e o método de ensino nelas utilizado:

Sobre o estudo, o principal era decorar. A gente entrava na aula, sentava-se, abria o livro e começava a ler, soletrando, mascando as palavras, numa cantarola, e bem alto, que era para o professor ver que se estudava. E quando o barulho era bem grande, então caíamos na conversa que era um regalo; até jogávamos a pena e o botão . E o mestre não admitia que se aliviasse a tarefa; freguês pilhado na conversa ia logo de pé em cima do banco e virado para a parede, como castigo e para exemplo. Aqui, é diferente: este Mestrinho, ele é que puxa conversa com os meninos. (LOPES NETO, p.5)

Não é este o único momento que Mayo se refere ao Mestrinho como um professor diferenciado, como um educador que acredita que aprender não é só estar preso a livros didáticos, numa posição muito avançada para seu tempo, provavelmente reflexo da visão moderna de Simões Lopes Neto. “Este Colégio Municipal nem parece um Colégio de rigor. Ainda ontem não abrimos livro, não estudamos nada. O Mestrinho passou a hora da aula conversando conosco”.(LOPES NETO, p.4)

No *Cuore* a figura do professor também adquire destaque, a sua exaltação parte do reconhecimento de seu papel social. Além daquele de Enrico fazem parte da narrativa a sua primeira professora, a de seu irmão, o velho professor de seu pai, e a todos eles é impressa uma aura fraterna, até de certa benevolência, porém sem abrir mão de atitudes enérgicas e justas quando necessárias. O professor Perboni, o de Enrico, de comportamento amistoso e paternal na maior parte do tempo, toma uma atitude extrema ao se defrontar com o aluno ‘problema’ da turma:

Enquanto o professor entregava a Garrone o rascunho de “O tocador de tambor sardo”, o conto mensal de janeiro, para ser copiado, ele jogou no chão um petardo que explodiu ecoando na escola como um tiroteio. A turma inteira tomou um susto. O professor deu um pulo e gritou: “Franti! Pra fora da escola!”. E ele respondeu “Não fui eu!”. E ria. O professor repetiu: “Fora!”. “Não saio daqui!”, respondeu. Aí, o professor perdeu as estribeiras, partiu para cima dele, agarrou-o pelo braço e o retirou da carteira. Ele se debatia, mostrava os dentes. Foi arrastado à força. O professor quase o carregou até o diretor, voltou para a sala, sentou-se à mesa, segurando a cabeça entre as mãos, com uma expressão tão cansada e aflita, que dava pena. “Depois de trinta anos na escola!”, exclamou tristemente, deixando cair a cabeça. (DE AMICIS, 2011, p.105)

Mesmo que a conduta do professor Perboni seja pautada em princípios igualitários, sua postura não interfere ou modifica a latente diferença social, diferença que, aliás, não será, na maior parte dos casos, minimizada pelos estudos. Enrico vai concluir a quarta série e vai depois para o ginásio, alguns colegas provavelmente farão o mesmo, no entanto, mais tarde quando ele estiver no Liceu ou Universidade a maioria deles estará em lojas e oficinas. Ao mesmo tempo em que *Cuore* ressalta a possibilidade de acesso aos estudos por parte da camada empobrecida e confere à educação o caráter de condição necessária para atingir um patamar econômico superior, admite ser difícil galgar degraus na esfera social. Os professores também não adquirem com seu trabalho um status social privilegiado, tanto o professor de Enrico quanto o de seu pai levam a vida de maneira frugal. Isso fica claro na visita que fazem pai e filho ao velho mestre do senhor Bottini:

Entretanto, meu pai olhava para aquelas paredes nuas, aquela cama pobre, um pedaço de pão e uma garrafinha de azeite que estavam na janela e parecia querer dizer: “Coitado do professor, após sessenta anos de trabalho, isso é toda a sua recompensa.” (DE AMICIS, 2011, p.221)

No princípio do ano escolar Enrico estava um pouco desanimado, seu pai, então, lhe escreve uma carta intitulada “A escola”, tecendo comparações entre a confortável situação do filho - a família pertence à burguesia alta-, e a de outros estudantes que só através de muito esforço conseguem estudar:

Pense nos operários que vão à escola de noite, depois de ter trabalhado o dia inteiro; pense nas mulheres, nas garotas do povo que vão à escola domingo, após trabalhar uma semana inteira; nos soldados que pegam nos livros e cadernos quando voltam exaustos dos treinamentos. Pense nos meninos mudos e cegos, que estudam mesmo assim; e até nos prisioneiros, pois também eles aprendem a ler e escrever.” (DE AMICIS, 2011, p.30)

A valorização do estudo se faz presente nas duas narrativas, assim como Mayo ouviu de seu amigo Juca Polvadeira que não saber das coisas “(...)é uma tristeza, uma vergonha, até uma desmoralização” (LOPES NETO, p.22), o menino Enrico ouve de seu pai “(...)que coisa

miserável, desprezível seria o seu dia se você não fosse para a escola.” (DE AMICIS, 2011, p.29) O pai ainda lhe diz que se não houvesse educação, se não houvessem escolas “(...)a humanidade recairia na barbárie.” (DE AMICIS, 2011, p.30)

Os operários que estudam à noite são tema do capítulo de abertura do mês de março, em “As escolas noturnas” aparecem não só pais de família como personagens do capítulo, mas também jovens que por força das circunstâncias tem que frequentar a escola depois da jornada de trabalho:

Havia garotos de mais de doze anos e homens com barba, que voltavam do trabalho, carregando livros e cadernos. Havia marceneiros, foguistas com a cara preta, pedreiros com as mãos brancas de cal, jovens padeiros com cabelos cheios de farinha, e sentia-se o cheiro de verniz, de couro, de piche, de óleo, odores de todas as profissões. (DE AMICIS, 2011, p.167)

O sentido de trabalho como propulsor da sociedade é um dos temas mais significativos da obra *Cuore*, evidenciando a aceção socialista que De Amicis pretendia imprimir em seu texto, a valorização da mais simples tarefa ou ocupação antagoniza com o desemprego e a consequente humilhação. A exaltação do trabalho é recorrente, o pai de Enrico ao presenciar o filho querendo limpar a cadeira suja de cal após nela ter se sentado o filho do pedreiro lhe diz: “O trabalho não suja. Nunca diga de um operário que volta do trabalho: “Está sujo.” Você deve dizer: “Traz nas roupas os sinais, as marcas do trabalho.”” (DE AMICIS, 2011, p.76)

Na obra de Simões Lopes Neto as diferenças sociais não adquirem o mesmo peso, uma ou outra passagem demonstra aspectos mais contundentes em relação às diferentes classes levando em consideração suas condições de vida. No primeiro tomo, quando Mayo discorre sobre a estância, como vimos anteriormente, ele cita os pedintes de esmolas da cidade. Afora isso não há sinais de sofrimento em decorrência da pobreza, como há na obra italiana. Quando são referidos os colegas mais pobres, junto a sua descrição aparecem adjetivos como limpo e asseado. Nas duas obras encontramos alunos que pertencem à classe alta, abastada e são empertigados e arrogantes:

Aquele tal senhor, não; calças compridas, chapéu duro, relógio e corrente no colete e a cabeça embutida num colarinho alto, dando assim ares de uma rolha de garrafa de champagne. Ele passa mais tempo batendo nos punhos e a assoprar o pó da roupa, do que a preparar as lições. Pois este menino-homem nos olha por cima do ombro. E por muito favor, para alguns que andam mais bem arranjados, ainda ele olha por cima do ombro, porque para alguns companheiros menos favorecidos de recursos, para esses, nem ele olha. O seu maior pesar é ser vizinho de carteira do Zacharias Silva, que vem com a sua roupinha muito velha mas muito limpa e remendada, com todos os botões. Por

certo que a mãe dele, apesar de pobre, há de ser muito trabalhadora; boa, amorosa, se sente que ela o é. (LOPES NETO, p.23)

O capítulo do *Cuore* denominado “Soberba”, que pertence ao mês de fevereiro, descreve Carlo Nobis, um menino que destoa do resto da classe:

Ele é a soberba encarnada só porque o pai é um ricoço. (...)Ele gostaria de ter uma carteira só para si, tem medo de que todos o sujem, olha todo mundo de cima para baixo, sempre com um sorriso de desprezo nos lábios: azar de quem pisar no seu pé, quando saímos em duplas, em fila! Por nada, joga na cara de qualquer um injúria ou ameaça, obrigando o pai a ir à escola. E o pai não deixou de lhe dar uma bela bronca quando chamou de mendigo o filho do carvoeiro. (DE AMICIS, 2011, p.129)

Seu pai, entretanto, não admite seu comportamento discriminatório. Faz com que Nobis se desculpe com o carvoeiro e seu filho “Peça desculpas a ele, repita minhas palavras: “Eu lhe peço desculpas pela palavra injuriosa, insensata, imoral que pronunciei contra seu pai, a quem tenho a honra de apertar a mão.”” (DE AMICIS, p.42, 2011)

Passagens do *Cuore* como esta tem sido alvo de críticas, por vezes soa falso ou forçado o empenho em favor da solidariedade social e a intenção de enaltecer a convivência pacífica entre as classes mascarando a tensão que há entre elas. Em contrapartida, ao escolher o caminho da emoção e do sentimento o autor da obra atinge uma gama extensa da população e a transforma num sucesso editorial.

Em *Terra Gaúcha* estes questionamentos não são tão evidenciados, existe diferença entre as classes sociais, a alguns é permitido estudar, mas o peão nasce e morre bruto. Dentro da escola, aparentemente, todos tem as mesmas chances, no entanto fica subentendido que a alguns o caminho será facilitado, ao passo que a outros restarão atividades que não requeiram formação superior. No capítulo “O que nós queremos ser” o professor pergunta aos alunos sobre o que gostariam de ser quando adultos, eles se interessam por diversas atividades e profissões, alguns querem ser fazendeiros “Quero ser estancieiro, como meu pai e meu avô”, outros querem ser militares ou advogados “Coronel, sim, senhor! E doutor, advogado. E deputado”. Um deles conta com a influência paterna “Ah! Quero ser doutor. E depois vou ser tenente do batalhão do papai. Ele é tenente-coronel e pode me arranjar isso”. Alguns dizem que se não conseguirem se formar, serão comerciantes “Quero ser doutor, sim, senhor. E se não puder me formar boto uma casa de frutas, sim, senhor!” Outro gostaria de ser jornalista “O papai quer que eu seja doutor; a minha avó quer que eu seja padre; e a mamãe quer que eu seja militar; porém eu gostaria mais de ter um jornal”. O que quer a maioria mesmo é ser

doutor “Eu... Eu vou ser doutor, para andar de cartola e bem vestido!” (LOPES NETO, p. 54)  
O professor, contudo, pacientemente lhes explica sobre a necessidade de se dedicarem a outras profissões importantes para o crescimento do país:

Queiram, rapazes, queiram ser determinadamente alguma coisa, queiram ser alguém na vida; mas tudo doutor, tudo fazendeiro, tudo coronel?! ... Hum! Não! Tomem cuidado: o Brasil vai precisar de todos, todos vocês, que são seus filhos, e o dever de todos e de cada um é ser lhe útil. Precisamos de maquinistas, de pintores, de arquitetos, de farmacêuticos, de oleiros, de fundidores, de mestres de estaleiro, de industriais, comerciantes. (LOPES NETO, p.56)

*Cuore* traz à tona alguns problemas sociais graves, a violência contra a criança, o alcoolismo, a difícil reintegração de um ex-detento, a delinquência infantil são tratados de forma direta. A última é demonstrada no texto através de Franti:

Provoca todos os mais fracos do que ele e, quando briga, se enfurece e faz maldades. Naquela testa estreita, existe algo que provoca arrepios: aqueles olhos turvos, quase escondidos debaixo da viseira do bonezinho de lona. Não tem medo de nada, ri na cara do professor, rouba quando pode, mente com a maior desfaçatez, está sempre brigando com alguém. (...) Dizem que a mãe anda doente por causa dos problemas que ele cria, e que o pai já o expulsou de casa três vezes. (DE AMICIS, 2011, p.104)

O colega de Enrico não se enquadra de maneira alguma nos padrões da escola, não respeita companheiros nem professores, seu riso irônico afronta os que convivem com ele no ambiente escolar; Franti é a negação do mundo dominado pelo coração, seu comportamento entra em conflito com a representação de sociedade idealizada criada por De Amicis em *Cuore*. Por isso ele é expulso da escola e, conseqüentemente, da narrativa, ele não é capaz de aprender a lição, ou seja, os princípios de ordem, respeito e civismo. O crítico italiano Umberto Eco, em seu ensaio *Elogio di Franti*, diz que o garoto é o único exemplo negativo dentro do perfeito universo criado por De Amicis, é o espelho da falsa sociologia de *Cuore*. Para o semiólogo italiano, Franti é um personagem positivo porque representa os inconformados que não se adaptam à cultura dominante. Seu comportamento demonstra capacidade revolucionária, capacidade de crítica e de autonomia em relação à rigidez e ao moralismo da sociedade.

O alcoolismo aparece nas duas obras aqui examinadas, na italiana o caso dá-se com o pai de um dos alunos, um ferreiro que bebe e bate no menino diariamente, este desmente sobre a autoria das agressões para não desonrar o pai:

O pai volta para casa bêbado de aguardente e bate nele sem razão alguma, joga seus livros e cadernos para o alto num supetão. E ele vem para a escola com vermelhões no rosto, às vezes, com a cara inchada e olhos irritados de tanto chorar. Porém, que ninguém se atreva a dizer que apanhou do pai. “Seu pai bateu em você”, dizem os colegas. E ele grita logo: “Não é verdade! Não é verdade!”, para não desonrar o pai. “Esta folha não foi você quem queimou”, lhe diz o professor, mostrando a lição meio queimada. “Sim”, responde ele, com a voz trêmula, “deixei cair no fogo”. Todavia, bem sabemos que foi o pai bebado quem derrubou mesa e fogo com um pontapé, enquanto ele fazia a lição. (DE AMICIS, 2011, p.98)

Em *Terra Gaúcha* a abordagem do problema não vem acompanhada do drama da violência domiciliar. O pai de um aluno invade o colégio e ao não se deixar capturar provoca um tumulto:

O bêbado, em um arranço de zanga, empurrou fortemente o servente e, sem dar-lhe tempo para nada, desembainhou da cava do colete uma enorme faca, larga, reluzente e pontuda. Soltamos um grito de medo, de horror: — Chi! Vai matar! Vai matar! Cem anos que eu viva e não esquecerei a cena que então passou-se! Quando o homem, de faca em punho, deixando cair os fósforos e o pedaço de charuto, avançou cego de raiva para o servente atordoado, saiu dentre nós o ..... , pálido, branco como a cal da parede, e correu para o ébrio, segurou-lhe o pulso e disse: — Papai! Não, papai!...O homem ficou imóvel; olhou para o rapaz e, deixando cair a faca, sorriu-se para ele, e abraçando-o tomou-lhe a cabeça entre as mãos sem força, e quando ia a beijá-lo, de boca incerta, o corpo desequilibrado e de pernas bambas, fez uma guinada e caiu redondamente contra a parede, resmungando apenas: — Meu filho... Filho... Quero cachaça! O ..... ficou de pé, junto dele, e chorava — sem soluços, sem suspiros; silenciosamente; só lágrimas, só lágrimas rolavam pelas faces pálidas. (LOPES NETO, p.59)<sup>6</sup>

Nas duas histórias os filhos são as maiores vítimas e de maneira abnegada tentam ajudar seus pais. Precossi, o menino do *Cuore*, ao receber uma medalha por honra ao mérito comove o pai de tal maneira que este larga a bebida e volta com entusiasmo ao trabalho de ferreiro. Simões Lopes não soluciona o problema desta maneira simplista, ou melhor, nem sugere uma solução, o menino é considerado estudioso e bom a despeito do vício do pai, mas o que se intui é que o homem não vai abandonar a bebida.

A família cumpre papel fundamental na obra de De Amicis, o respeito aos pais é tônica em muitas passagens. Nas cartas dirigidas ao menino Enrico tanto o pai quanto a mãe chamam sua atenção ao se depararem com situações nas quais julgam ter havido desrespeito. Seu pai, numa das passagens epistolares, em tom melodramático afirma que prefere vê-lo

---

<sup>6</sup> Os pontilhados mostram que o autor não terminou a redação deste ponto, mas tomou a providência de marcar a falta.

morto, mas não ingrato com sua mãe:

Diante da professora de seu irmão, você faltou ao respeito com sua mãe! Que isso não volte a acontecer, nunca mais! Sua palavra irreverente me entrou no coração como um agulhão de aço. Lembrei de sua mãe, quando, anos atrás, ficou uma noite inteira ao pé de sua cama, controlando sua respiração, chorando sangue de tanta angústia e batendo os dentes de terror, pois pensava que ia perder você, e eu temia que ela perdesse a razão e, com esse pensamento, senti nojo de você. Você, ofender a própria mãe! Sua mãe, que daria um ano de felicidade para lhe evitar uma hora de dor, que mendigaria por você, que mataria para salvar sua vida! Ouça, Enrico. Grave bem esta ideia na cabeça. Imagine que muitos dias terríveis lhe sejam destinados na vida: o mais terrível será aquele em que você perderá sua mãe. (DE AMICIS, 2011, p.45)

Em outro episódio, Crossi, um dos meninos perde a cabeça quando zombam de sua mãe, uma pobre verdureira que muito se esforça para que o filho, portador de deficiência física, frequente a escola. Ele lança e atinge o professor que entrava com um tinteiro que era endereçado à Franti, o representante da desordem:

De repente, Franti, aquele bruto, subiu numa carteira e, fingindo carregar dois cestos nos braços, macaqueou a mãe de Crossi, quando vinha buscar o filho na porta(...) Aí, Crossi perdeu a cabeça, pegou um tinteiro e jogou-o na cabeça dele, mas Franti desviou-se e o tinteiro foi bater no peito do professor que entrava. (DE AMICIS, 2011, p.24)

Em *Terra Gaúcha* sucede algo parecido, uma discussão que termina em agressão também foi gerada por uma ofensa a uma das mães dos envolvidos. Um dos meninos, de nome João, é caracterizado como um “estudantinho muito qualquer coisa e até pouco asseado, pois anda sempre com as unhas de luto e com os dedos borrados de tinta” o outro, chamado Pedro, é “uma figurinha que não se dá nada por ela, porém que estuda como gente. É filho de um mestre carpinteiro.”(LOPES NETO, p. 35) Indagados pelo professor sobre o motivo do desentendimento, o segundo lhe explica que sua mãe foi insultada e por isso ele bateu no colega “— E eu dei-lhe um tabefe, sim, senhor; foi por causa de minha mãe; ele disse que ela... era... E desatou a chorar, o pobre Pedro.” (LOPES NETO, p.35) O professor, apesar de condenar a agressão por parte do ofendido, considera o agressor culpado e procura fazer com que se arrependa de sua má conduta:

— João, fizeste mal, muito mal em discutir com o teu colega(...) Se tinhas dele algum agravo, devias ter dado a tua queixa. E se ainda só tivesses ruscado com o teu colega, ainda passe; mas envolveste na tua questiúncula a mãe dele, ausente. Isso é indesculpável. A mãe dele tem cabelos brancos, como a tua; é uma mulher honesta, valente, que ajuda a seu marido, cuida da sua casinha e dos seus filhos. E basta olhar para o teu colega para ver que a mãe dele é uma pessoa zelosa, econômica, asseada. Repara: remendadozinho, é verdade, mas

limpinho, repara! Para que foste mau assim, até injuriar uma mãe de família? Vamos: pede perdão ao teu companheiro de que tão levemente disseste sobre a mãe dele, sobre a tua própria mãe, sobre as mães de todos os teus colegas, porque a maternidade iguala todas as mulheres na mesma luz do amor filial. Pede desculpas! (LOPES NETO, p.36)

A lição foi aprendida, a desavença enfim termina com o pedido de perdão do agressor:

Deu-se então uma coisa inesperada; num arranco de franqueza e de arrependimento, contra o que nós esperávamos, João dirigiu-se ao Pedro: — Eu disse aquilo sem maldade: foi só para te zangar. A tua mãe é até muito boa; eu bem me lembro daquele dia em que caí na sarjeta em frente a tua casa, e foi a tua mãe que me limpou a roupa e as botinas e me lavou o rosto e as mãos, quando eu fiquei todo enlameado e sujo... (LOPES NETO, p.36)

As semelhanças entre *Cuore* e *Terra Gaúcha* são muitas, pequenos detalhes da obra italiana se repetem na brasileira, adaptados de alguma forma. Já foi visto neste trabalho como aparecem nas duas obras escola, professor, estudo, trabalho, diferenças sociais, família, sendo que todos estes assuntos são tratados com escopo de exemplaridade. A finalidade é a formação dos jovens leitores, futuro das duas nações. Desta maneira, inculcar ideias de unidade nacional aliadas as de reconhecimento da diversidade regional e das diferentes origens é fundamental no processo de constituição das suas identidades. Simões Lopes Neto adota algumas estratégias criativas em seu texto, os colegas de Mayo, por exemplo, tem nomes de origem indígena, mas tem também apelidos conforme seu local de nascimento - são os 'senhores estados', e provavelmente teríamos a participação de todos os alunos em capítulos específicos falando sobre seu estado de origem, caso a obra tivesse sido levada a cabo. Em "O estudo, no colégio", como já foi visto, estão presentes narrações sobre o Rio de Janeiro e Mato Grosso. Na Itália, a aproximação entre as províncias é fator importante no período pós-unificação, numa nação ainda fragmentada culturalmente em que nem o idioma falado era o mesmo, a escola assume o papel de integração e afirmação de unidade nacional, desta maneira, a leitura de *Cuore* foi fundamental neste processo. De Amicis cria situações dentro da narrativa que proporcionam a articulação e o entendimento entre as diversas regiões italianas. A presença de um colega vindo do sul, da Calábria, a inserção nos contos mensais de personagens de vários pontos do país, valorizando coragem, bravura e luta, transforma *Cuore* em manual exemplar de conduta patriótica. No primeiro conto, já citado anteriormente, "O patriota de Pádua", nos deparamos com a história de um garoto que depois de ter sido vendido pelos pais muito pobres, de ter sido escravizado pelo dono de um circo, está retornando a sua cidade em situação deplorável. No vapor em que o menino se encontra alguns homens lhe dão dinheiro, por compaixão, depois de alguns goles de vinho, e ele passa

a imaginar que assim será bem recebido de volta pelos pais. Mas ao ouvi-los criticar seu país ele devolve-lhes toda a quantia recebida:

Bebiam e falavam de suas viagens e dos países que tinham visto e, de conversa em conversa, acabaram falando da Itália. O primeiro começou a queixar-se dos hotéis, outro das ferrovias e, enfim, todos juntos, animando-se, puseram-se a criticar tudo. Um teria preferido viajar para a Lapônia; outro dizia só ter encontrado ladrões e bandidos na Itália e o terceiro, que os empregados italianos não sabem ler. “Um povo ignorante”, repetiu o primeiro, “Sujo”, acrescentou o segundo (...)uma chuva de notas e de moedas de meia lira caiu sobre suas cabeças e nas costas(...)”Tomem seu dinheiro de volta”, disse com desprezo o garoto, “não aceito esmolas de quem fala mal do meu país.” (DE AMICIS, 2011, p. 13)

O autor não se exime de expor os dramas humanos, e os infantis, de maneira crua, mas apela ao sentimentalismo quase excessivo como meio de abordagem de questões bastante sérias. Já em *Terra Gaúcha* encontramos apenas uma passagem de grande sofrimento vivido por uma criança, ela faz parte do primeiro tomo, e é na lenda “O negrinho do pastoreio”.

Ainda em relação à intertextualidade entre as obras aqui descritas levando em consideração o esforço de consolidação de valores patrióticos através dos seus textos, cabe ressaltar a presença de vários símbolos como hinos, bandeiras, comemorações cívicas, referências a heróis nacionais em ambas. Além disto, a ideia de união alicerçada em ideais de igualdade está presente tanto em uma quanto em outra obra. Em *Terra Gaúcha*, o professor utiliza-se de palhas de arroz, material genuíno do meio em que se encontram, a fim de instruir os alunos:

— É isso mesmo, rapazes, é isso mesmo que eu quero que vocês compreendam bem. Cada palhinha, sozinha, é frágil, nada custa a parti-la em muitos pedaços, mas todas elas juntas, ligadas, nem o Brasileiro, nem eu que tenho mais força que ele, nem outro homem que tenha mais força que eu, todas elas juntas, ninguém é capaz de quebrar. Cada fêvera isolada nada vale; mas todas juntas, desafiam. Sabem por quê? Porque estão unidas, e da união delas é que nasce a força de todas. Rapazes! Cada palhinha de arroz, de per si, nada vale. Para serem fortes, é preciso que vocês sejam unidos, bem unidos, bem unidos! Cada um de vocês, de nós todos, cidadãos, separadamente é zero, mas todos juntos, ligados pelo mesmo pensamento, na mesma ação, na mesma resolução, então sim, ninguém no mundo quebrará: a união faz a força! Todos vocês são brasileiros: quando só um sofrer, todos o acudam; quando todos sofrerem, o que estiver mais aliviado acuda aos seus irmãos; todos por um, um por todos. A união faz a força! (LOPES NETO, p. 28)

E numa das mais bonitas passagens do manuscrito de Simões Lopes Neto temos a questão da miscigenação racial tratada de maneira surpreendente para a época. Mayo e alguns colegas estão em sua casa e ao se colocarem em frente a um espelho, as quatro cabeças

unidas, ouvem de seu pai que se aproximava uma verdadeira apologia ao futuro étnico nacional:

— Ora, aí estão vocês quatro, cada um diferente do outro pelo aspecto e no entanto iguais como brasileiros, pelo coração e pelo sentimento. Ainda um dia o brasilês há de ser um tipo completo, como se fosse composto de cada um de vocês... — Como? Eu não entendo, papai. — Já me explico e vocês hão de entender-me. Suponhamos que tu, Mayo, és uma barra de ferro, o Tarumã uma barra de cobre; o ..... uma de prata; o ..... uma de ouro. Bem; junte-se estas quatro barras de metal e faça-se fundir todas a um tempo, de forma que elas se misturem, se caldeiem, formando pela fusão um produto novo, composto dos quatro; este produto novo será uma barra de metal que tem a um tempo a rijeza do ferro, a resistência do cobre, o brilho da prata, o valor do ouro. Cada metal separadamente tem o seu mérito próprio; a nossa barra tem um mérito quádruplo porque ela tem juntas em sua constituição as qualidades especiais de cada um. Entenderam? Quando no Brasil as gentes se ligarem internamente pelo sangue, como já está acontecendo, quando os descendentes de diversas raças formarem uma nova raça uniforme, o brasilês há de ser o primeiro povo da terra porque terá no seu corpo, na inteligência e no sangue as melhores qualidades de cada um dos outros povos; terá a resistência do português, o aprumo do espanhol, a vivacidade do francês, o pendor artístico do italiano, a calma do inglês e a tenacidade do alemão, e a vitalidade do africano, e a valentia e o amor à liberdade dos índios. “O brasilês, meus rapazes, será a barra nova, o novo fruto, há de ser o maior povo do mundo. O seu dia há de chegar. “Tudo depende de vocês e de todos os outros meninos que se estão criando. Estudem, estudem; amem o seu país.” (LOPES NETO, p.67)

Antonio Faeti afirma que no livro *Cuore* “(...)não há nenhuma alusão a Deus, nada de catecismo, nem de calendário religioso” (in *Cuore*, p. 355, 2011), o que em parte é verdadeiro; a obra, aliás, foi classificada como inimiga tanto pela Igreja Católica quanto pelo Fascismo. O catolicismo pregado pelas instituições pedagógicas inspiradas pelo Vaticano não está presente no *Cuore*, mas a essência teórica da religião que predomina até hoje na Itália está cristalizada nas páginas do livro. E a despeito de todas as ponderações feitas em relação à laicidade da obra italiana, cabe ressaltar que uma das cartas escritas ao filho pela mãe, com o título de “Esperança”, se refere diretamente a uma aula de religião:

Lindo, Enrico, o entusiasmo com que você se atirou sobre o peito de sua mãe, ao voltar da aula de religião. Sim, o professor disse coisas grandiosas e emocionantes. Deus, que nos colocou nos braços um do outro, não vai nos separar para sempre(...) Ó Deus, grande e bondoso! (...)Ó, reze, rezemos, vamos nos amar, sejamos bons, vamos carregar aquela esperança celeste no coração, meu filho adorado. (DE AMICIS, 2011, p.120)

A menção a uma aula de religião é um dado significativo, principalmente se levarmos em consideração que não são citadas aulas de outras disciplinas. Já na obra do autor pelotense, são feitas referências a várias atividades que envolvem aprendizagem de conteúdo: aulas de

história, de geografia, ditados, cálculos, e ainda música e desenho, sem que sejam feitas quaisquer referências a aulas de religião. Registros de ordem religiosa são quase inexistentes em *Terra Gaúcha*; no primeiro tomo, entretanto, Mayo conta que antes de dormir ele e as irmãs menores são orientados pela mãe a rezar:

Todas as noites quando nós vamos deitar, ela nos acompanha ao quarto, todos nós com ela temos aprendido a rezar: não são orações para chover nem para fazer sol, que isso o papai diz que é tolice; mas sabemos o Padre Nosso e sabemos nos persignar, fazendo o “pelo sinal da Santa Cruz” com muita segurança. (LOPES NETO, p.7)

No quinto capítulo da segunda parte, intitulado “Domingo”, é feita uma rápida referência às missas dominicais:

Domingo! Domingo! É o primeiro dia da semana, o “Dia do Senhor”. A história sagrada diz que Deus fez o mundo em seis dias – e ao sétimo descansou. Ora o dia de Deus deve ser o primeiro e assim foi consagrado, apesar de ser o sétimo na ordem da criação. Domingo! Não se ouvem os imperiosos apitos das fábricas; no ar repiques de sinos; o movimento do povo nas ruas não é o movimento apressado de quem tem obrigação; dia das missas festivas(...) (LOPES NETO, p.6)

São referências, no entanto, muito mais de um hábito familiar e social da época do que propriamente a inserção da religião como valor a ser incutido nos possíveis leitores da obra: os jovens em idade escolar. Até porque, era conhecida a posição crítica de Simões Lopes em relação ao catolicismo. Um de seus tantos empreendimentos comerciais, por exemplo, foi uma fábrica de cigarros batizada com o nome Marca Diabo, em discordância com as três outras fábricas de cigarro da sua cidade que levavam nomes de santos: Santa Bárbara, Santa Cruz e São Rafael.

No livro *Cuore*, no mês de julho, são feitas as provas finais, mas os dois capítulos que correspondem ao fato funcionam mais como fechamento da história contada por Enrico, do que exatamente uma descrição de como ocorre o processo de avaliação. Outra disciplina, contudo, é enfatizada e faz parte dos dois enredos, a aula de educação física. Na obra italiana o objetivo de sua inserção no relato é ressaltar virtudes como a determinação, a força de vontade, a superação. Nelli, um menino descrito como fraco, de saúde debilitada, consegue realizar uma difícil atividade física proposta pelo professor:

Nelli começou a se pendurar; era difícil para ele, coitado, ficou com a cara roxa, o suor escorria pela testa. O professor disse: “Pode descer”. Mas ele, não, se esforçava, se obstinava; eu esperava vê-lo estrebuchar no chão de um momento para outro, meio morto(...)”Vamos, vamos, força, Nelli, mais um pouco, coragem!” E Nelli fez ainda um esforço violento, soltando um

gemido(...) E eis que Nelli se agarrou à barra. Todos bateram palmas. “Parabéns”, disse o professor, “mas já chega, desce”. Só que Nelli quis subir até o alto como os demais e, forçando um pouco mais, conseguiu pôr os cotovelos na barra, depois os joelhos e os pés: enfim, ergueu-se reto e, resfolegando e sorrindo, olhou para nós. (DE AMICIS, 2011, p. 214)

Na obra de Simões Lopes Neto são três os capítulos que tratam das aulas de educação física; o primeiro, “Corda, trapézio, barra, etc.”, é breve e conta sobre os reparos feitos nos aparelhos próprios para os alunos exercitarem-se; no segundo, “Na minha terra, senhor”, os meninos aprendem a marchar e recebem noções de disciplina; no terceiro, “Bracinhos e perninhas”, finalmente os alunos usam os aparelhos de ginástica. As aulas são ministradas pelo professor Schultz, um mestre disciplinador, que fala carregando nos erres e sente muito orgulho de seu país de origem. Não está expresso no texto, mas provavelmente o professor Schultz seja um imigrante alemão.

Mas de ginástica nos famosos aparelhos, pelos quais passamos sempre nas nossas evoluções, até ontem, nada; hoje, sim, fizemos a estreia. Estava o nosso pelotão formado. O professor Schultz colocou-se à frente; examinou o alinhamento e as nossas posições; pareceu satisfeito. — Marche! Seguimos para o pátio; fizemos alto junto ao aparelhamento de ginástica. E enquanto nós marcávamos passo, cadenciado, o professor Schultz pulou ao trapézio e fez umas flexões rápidas, tomou as argolas e fez uma prancha, de costas, deslizou de corpo alto nas paralelas e fez um giro-gigante na barra fixa. (...)O professor ficou entre nós, conversando; por sinal que ele é bem amável. Elogiou as vantagens dos exercícios físicos, moderados, como remar, correr a pé e saltar, o jogo da bola, da peteca, subir e descer por uma corda e outra. E também de uns jogos ou brinquedos estrangeiros cujos nomes ele disse e ensinou a escrever, e são “foot-ball”, “cricket”, “lawn-tennis”(…) (LOPES NETO, p.29)

*Cuore* é um livro que ao mesmo tempo em que cria um mosaico de peças variadas não lhes dá a descrição exata ou completa de todas elas, não sabemos nada do irmão menor de Enrico - o menino aparece somente no início da história-, não sabemos o nome de sua mãe, não fica claro o porquê de tanta disparidade em relação à idade dos meninos da classe – alguns são muito pequenos para a terceira série-, o que se pode deduzir é que personagens tão distintos estejam ali para cumprir um papel específico dentro do painel social criado por De Amicis. Nem mesmo sobre as aulas propriamente ditas são feitas referências importantes, o foco narrativo não é a educação em si, a preocupação do autor recai sobre os fundamentos, os pilares da sociedade, e a escola –junto com família e trabalho- formam a engrenagem social.

Por outro lado, em *Terra Gaúcha* a reflexão sobre educação se faz presente em algumas passagens nas quais a narração toma a direção de uma análise do que envolve o processo educativo, a forma como o professor ensina, a crítica a outros estabelecimentos de

ensino onde a prática é decorar o conteúdo, a atenção em sala de aula, até mesmo a postura ao sentar, estes são alguns pontos referidos por Mayo em seu diário. Um capítulo chama a atenção, “Linguagem de capadóciós”, nele a discussão gira em torno do vocabulário adotado pelos meninos, gírias usadas entre eles, frases sem pé nem cabeça que os divertia. O professor, então, lhes faz uma preleção sobre o bom uso da língua:

— Estão vocês, inconscientes, como papagaios, dizendo muito senhores de si umas quantas parvalheiras muito chulas, sem graça, nada corretas. Onde aprendem vocês tais lindezas de linguagem, onde? Os seus pais falam assim? Não! É em suas casas, no seio da família, entre os amigos, os velhos, os tios ou com os padrinhos que vocês ouvem tais ..... ? Não, com certeza. Olhem: eu não quero aqui e aconselho a todos que não se dêem ao ridículo de andar a compor frases campanudas, catando palavras obsoletas e termos empolados e pretensiosos para exprimirem os seus pensamentos. Usemos sempre da linguagem corrente, simples e limpa, procurando explicar claramente as nossas idéias e desejos e ordens, perguntas e respostas; usemos a forma comum de falar, que todos nos entendam, caprichando na ordem gramatical, o verbo concordando com o sujeito, o adjetivo com o substantivo, os plurais muito certos; vamos falando a nossa linguagem familiar tão singela e tão clara; depois, como seguimento da leitura dos bons livros e bons jornais, no trato das pessoas bem educadas, vocês também melhorando, encontrando e apreciando os encantos da nossa língua; depois os estudos clássicos dos nossos escritores brasileiros limarão e aperfeiçoarão as nossas ..... Tudo isso a seu tempo virá; por agora, quero a nossa linguagem de todos os dias, mas muito limpinha, correta, decente, como se deve falar em família, com os pais, as irmãs, os parentes. Isso que vocês estão para aí a moer e que já de alguns dias venho observando, isso é linguagem de calão, de moleques, é o que se chama — linguagem de capadóciós! A gente ouve-os, mas não os imita. Estamos entendidos, não é verdade?... Vá! Vão se divertir! (LOPES NETO, p.75)

*Cuore*, como já mencionado, é reconhecido por ter sido veículo de integração linguística de uma Itália recém-unificada politicamente, mas ainda fragmentada culturalmente; ainda assim, não há na obra uma reflexão maior sobre a língua. Os dialetos ficaram de fora da narrativa, até por que a necessidade de uniformização linguística era premente e a tentativa de De Amicis de prestar um serviço ao país também em relação à língua falada, buscando fazê-lo através de um manual de leitura escolar, precisava, obrigatoriamente, privilegiar a língua de maior prestígio. Outro aspecto a ser assinalado é a quase ausência de expressões coloquiais, ao contrário de *Terra Gaúcha*, em que traços de oralidade são trazidos para o texto, deixando-o leve e aprazível. Além disso, na obra do pelotense o uso da língua culta está mesclado a expressões típicas regionais; De Amicis conduz um movimento de uniformização linguístico, enquanto Simões Lopes Neto ressalta o linguajar típico regional. É preciso salientar, entretanto, o fato de que no Brasil o português era, mesmo que com variações, falado em todas as regiões e na Itália não existia uma língua

nacional de uso cotidiano; somente 3% da população falava o italiano, de origem toscana, à época da unificação. Dante Alighieri, Alessandro Manzoni, posteriormente De Amicis, muitos autores contribuíram para que uma única língua fosse falada em toda a Itália, mas isto só ocorreu de forma definitiva com o advento da televisão na década de 50.

Apesar de todo o sucesso editorial, desde sua publicação a obra *Cuore* tem sido criticada, e talvez criticá-la seja mesmo uma tarefa exequível, afinal, as histórias dos pequenos heróis são carregadas de sentimentalismo e a narrativa está distante do que poderíamos levar em consideração na hora de qualificar uma obra literária como de qualidade maior. Ainda assim, não é possível falar de literatura para a infância na Itália deixando de lado aquela que, pelo menos até a metade do século XX, foi obra fundamental no processo formativo de gerações inteiras de italianos. Com *Cuore* foi possível avançar consideravelmente na direção da unificação nacional tendo por meio efetivo uma obra literária; a obra cumpriu um papel importante na constituição da nova nação e na afirmação da língua nacional.

De Amicis era um perspicaz jornalista, entendia os mecanismos que constituíam a realidade social italiana de seu tempo e sabia da responsabilidade de escrever um livro como *Cuore*, assim como, admitia sem hipocrisia seus limites literários. Algum tempo após a publicação do diário de Enrico, ele realizou uma severa autocrítica, nela analisa de maneira lúcida muitos dos defeitos que vinham sendo atribuídos a sua obra mais famosa, principalmente em relação ao fato de privilegiar sempre o sentimentalismo exacerbado, forma mais fácil e rápida de angariar afeto e admiração, ao posto de realizar um exame de caráter racional para, a partir dele, compreender e interagir com o mundo.

Talvez, por isso, seja inútil apontar os limites e a ingenuidade ideológica que marcam essa obra, o próprio De Amicis reconhece sua fragilidade em alguns sentidos, mas o seu registro nasceu da vontade de agir sobre a realidade mudando-a para melhor, mesmo que para isto tenha sido previsível e pouco convincente em alguns momentos de sua narrativa.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve por objetivo a especificação de alguns traços convergentes entre as obras *Cuore*, de Edmondo De Amicis, e *Terra Gaúcha*, de João Simões Lopes Neto. Como foi visto ao longo desta exposição, as duas obras compreendem diários escritos por meninos em idade escolar e realmente apresentam estrutura similar. A análise em *Terra Gaúcha* recaiu principalmente sobre o segundo tomo, “O estudo, no colégio”, devido à maior quantidade de pontos em comum com *Cuore*. Apesar de estarem inseridas em contextos diferentes, as duas obras tinham a mesma intenção: levar ao leitor escolar noções de civismo, de respeito à pátria, aos pais, incentivando uma conduta virtuosa e valorizando o estudo e o trabalho.

Foram identificados vários temas em comum, tendo por base o mundo da escola. O papel do professor - e como ele se posiciona frente aos alunos- aparece com destaque nas duas obras. O processo educativo em si adquire relevância em algumas passagens do texto simoniano, ao passo que na obra italiana a abordagem é basicamente por viés social, privilegiando questões relativas às diferenças entre as classes. Escola, família e trabalho estão interligados na obra de De Amicis e são os pilares da narrativa.

Em relação à inédita e inacabada *Terra Gaúcha* surgem alguns impasses, não há como fazer uma análise em termos de recepção e crítica, mesmo que se reconheça a repercussão do intenso movimento literário em torno do assunto civismo ou o alcance que algumas obras que portavam ideais nacionalistas obtinham, qualquer inferência neste sentido seria inconsistente. O que contribui favoravelmente para uma avaliação de uma possível recepção positiva da obra é o fato de que Simões Lopes Neto consegue realizar de maneira efetiva a ligação entre preceitos nacionalistas e valorização da cultura local e da tradição popular. É possível reconhecer na obra o esforço do autor em demonstrar sua ideia de integração nacional a partir do olhar das províncias, pois o que para ele parece constituir a verdadeira nação é a valorização de sua heterogeneidade, de sua multiplicidade cultural. Além disso, a reflexão sobre o processo educativo em si, demonstra seu olhar avançado para a época.

Na obra italiana o mundo da escola é a representação da sociedade e de suas diferenças, é o ambiente onde se encontra a maior diversidade, é o local de formação, de crescimento e da paz social. O envolvimento entre os alunos se dá muitas vezes de forma paternalista, eles aprendem com seus pais e professores como se comportar com generosidade, mas a obra deixa transparecer, no entanto, a condição de superioridade de um

ou outro aluno. O trabalho é exaltado em todo o percurso da obra, mas a ele não é conferido o poder de resgate de uma condição social inferior. A reflexão maior em *Cuore*, portanto, é sobre a sociedade, a Itália estava feita, precisava ser feito o italiano<sup>7</sup>, e neste sentido, De Amicis parece ter cumprido seu papel de escritor de uma obra formativa. E é interessante pensar que uma obra escrita para difundir os ideais do Risorgimento italiano tenha tido tamanho reconhecimento a ponto de inspirar outros autores, entre eles Simões Lopes Neto, a produzir outras obras de mesmo feitio.

---

<sup>7</sup> “Abbiamo fatto l’Italia ora dobbiamo fare gli italiani”(“Fizemos a Itália, agora devemos fazer os italianos”), frase de Massimo d’Azeglio, político italiano, 1798-1866.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BASTOS, Maria Helena Câmara. *Cuore, de Edmondo De Amicis. Um sucesso editorial* disponível em: [www.portcom.intercom.org.br](http://www.portcom.intercom.org.br) acesso de 15set a 1dez de 2012

BILAC, Olavo. *A pátria brasileira*

\_\_\_\_\_. *Através do Brasil* RJ: Livraria Francisco Alves, 1923

BURKE, Peter. *A Arte da Conversação* São Paulo: Editora Unesp, 1995

CASALI, Luciana Camargo. *Leituras críticas da obra de João Simões Lopes Neto: Província de São Pedro e Caderno de sábado* disponível em: < repositorio.ufsc.br> acesso de 10jul a 15out de 2012

CELSO, Afonso. *Por que me ufano de meu país* Laemert & C. Livreiros - Editores, 1908. (versão digital, 2002, ebooks Brasil)

CHAVES, Flávio Loureiro. *Simões Lopes Neto: Regionalismo e Literatura* POA: Ed Mercado Aberto, 1982

CHIAPPINI, Lígia. *No entretanto dos tempos* SP: Ed Martins Fontes, 1988

DE AMICIS, Edmondo. *Cuore* RJ: Typ. da Livraria Francisco Alves, 1906

\_\_\_\_\_. *Cuore* Trento - ITA:Ed Einaudi, 2004

\_\_\_\_\_. *Cuore* SP: Ed Cosacnaify, 2011

DEL GAUDIO, Rogata, PEREIRA, Doralice. *O “nacionalismo patriótico” em Através do Brasil* disponível em: <[www.revistas.una.ac.cr/index.php/geografica/article/view/2743](http://www.revistas.una.ac.cr/index.php/geografica/article/view/2743)> acesso em 14out de 2012

DINIZ, Carlos Francisco Sica. *João Simões Lopes Neto – uma biografia* Pelotas: Ed AGE, 2003

ECO, Umberto *Elogio di Franti* disponível em: < [ebbat1.altervista.org/materiali/elogia.pdf](http://ebbat1.altervista.org/materiali/elogia.pdf)> acesso em 23nov de 2012

FAETI, Antonio. *Um negócio obscuro – Escola e romance na Itália* in MORETTI, Franco (org.) *A cultura do romance* SP: Ed Cosacnaify, 2009

FISCHER, Luis Augusto. *Literatura gaúcha*, POA: Ed Leitura XXI, 2004

KRISTEVA, Julia. *Introdução à semanálise*. Trad. Lúcia Helena França Ferraz. São Paulo: Perspectiva, 1974.

LOPES NETO, João Simões. *Contos gauchescos e Lendas do sul* POA: Ed Globo, 1957

\_\_\_\_\_. *Contos gauchescos e Lendas do Sul* POA: Ed L&PM, 2012

MEYER, Augusto. *Prosa dos Pagos* POA: Instituto Estadual do Livro, 2002

- MASSOT, Ivete Simões Lopes Barcelos. *Simões Lopes Neto na intimidade* POA: BELS – SEC – IEL, 1974
- MORETTI, Franco (org). *A cultura do romance* SP: Ed Cosacnaify, 2009
- PEIXOTO, Afrânio. *Minha terra e minha gente*
- PIERANGELI, Fabio. *Il viaggio nei classici italiani* Roma-ITA: Ed Le Monnier, 2011
- ROMERO, Sílvio. *Cantos populares* LISBOA: Livraria Internacional, 1883
- SILVA, Raquel Padilha. *A instrução no Império e no Rio Grande do Sul*, 2006 PUCRS
- TAMBARA, Elomar, ARRIADA, Eduardo.– *Civismo e educação na Primeira República - João Simões Lopes Neto* disponível em: < [seer.ufrgs.br/asphe/article/download/29036/pdf](http://seer.ufrgs.br/asphe/article/download/29036/pdf)> acesso de 10jun a 29nov de 2012
- VERÍSSIMO, José. *A educação nacional* POA: Ed Mercado Aberto, 1985